

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | João Hernesto Weber: Machado e Guimarães Rosa: dois modos de ver o Brasil

PÁGINA 10 | João Adolfo Hansen: *Grande sertão: veredas*: “uma máquina de moer ideologias”

PÁGINA 14 | Luciana Coronel: O olhar machadiano sobre o Brasil

PÁGINA 16 | Luiz Rohden: Guimarães Rosa, um amante do saber

PÁGINA 19 | Marcus Alexandre Motta: Uma carta a Guimarães Rosa

PÁGINA 22 | Cesar Zamberlan: O cinema não consegue se aproximar da genialidade de Machado

PÁGINA 24 | Leonardo Vieira de Almeida: Rosa e Rulfo: conto e expressão de uma América nova

PÁGINA 26 | Luis Augusto Fischer: Machado “nunca foi um lutador de praça pública”

PÁGINA 28 | Susana Kampff Lages: *Grande sertão: veredas*, um universo de alusões

PÁGINA 30 | Maria Cristina Cardoso Ribas: Cartas de Machado

PÁGINA 32 | Flávio Carneiro: Guimarães Rosa: um narrador do Brasil

PÁGINA 33 | Juracy Assmann Saraiva: Machado expõe a dimensão da pluralidade e da universalidade humana

### B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 37 | Marcio Pochmann: A desigualdade da distribuição funcional da renda continua

» Livro da Semana

PÁGINA 40 | Teun A. van Dijk: “Democracia com racismo é impossível”

» Filme da Semana

PÁGINA 43 | *Ensaio sobre a cegueira*, de Fernando Meirelles

» Invenção

PÁGINA 45 | Alice Ruiz

» Destaques On-Line

PÁGINA 47 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 52 | Ana Maria Tepedino: Nos caminhos de Medellín: da opção pelos pobres à participação dos fiéis na Igreja de hoje

» IHU Repórter

PÁGINA 54 | Fabrizio Camerini



UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa

## Machado e Guimarães Rosa: dois modos de ver o Brasil

João Hernesto Weber apresenta as diferenças na produção literária entre os escritores Machado de Assis e Guimarães Rosa

POR ANDRÉ DICK E PATRICIA FACHIN

**N**a entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, João Hernesto Weber, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), compara a produção literária de dois clássicos brasileiros: Machado de Assis e Guimarães Rosa. Machado, explica o pesquisador, investigou “as possibilidades de ascensão social dos pobres na sociedade escravista do século XIX”, e mais tarde, na fase considerada “madura”, centrou “seu olhar na classe dominante escravista, escrevendo a partir da ótica que anima esse segmento social, em toda a sua perversidade”. Enquanto Machado escreve sobre uma sociedade urbana, Guimarães, com um foco geográfico bem mais amplo, “tenta estabelecer uma ponte entre esses dois universos, o universo letrado da *urbs* e o universo iletrado do interior”, assinala.

Membro do corpo editorial da revista eletrônica *Mafuá*, de Florianópolis, Santa Catarina, Weber é graduado em Letras – Português/Alemão, e mestre e doutor em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

**IHU On-Line - Qual é o retrato feito sobre a cidade e o sertão nas obras de Guimarães Rosa e Machado de Assis?**

**João Hernesto Weber** - Machado de Assis é um escritor essencialmente urbano, retratando a sociedade brasileira do segundo Império. Seus romances, tanto os iniciais, como os da fase dita “madura”, a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, têm por cenário a sociedade fluminense, restringindo-se a movimentação das personagens, numa cartografia de fácil acompanhamento, geograficamente à parte central do Rio, com a Rua do Ouvidor, os bairros do Catete, do Botafogo, e os teatros e cafés existentes à época na região central do Rio. É importante ressaltar, ainda assim, que a representação da cidade, mesmo em seus romances da fase “madura”, que abrangem um período histórico em que se acelera o processo de modernização do Rio, não se atém à descrição da cidade, em termos estritos, como forma de aclimatação do romance no Brasil, ao contrário do que faziam seus antecessores, em que a descrição da cor local se sobrepuja, muitas vezes, ao

“drama moral” das personagens. Muitos dos romances, inclusive, se passam praticamente em ambiente doméstico, a casa senhorial surgindo como espécie de miniaturização do espaço social e geográfico mais amplo. Esse é um dos grandes ganhos de Machado, ao se pensar na literatura brasileira da época, e mesmo posterior, extremamente descritiva, em sua busca de recortar, desenhar o Brasil. Machado detém-se na análise dos caracteres, como ele próprio indica no conhecido ensaio sobre o “Instinto de nacionalidade”, desenho de perfis masculinos e femininos que gravitam, e é isto o que importa, conforme a dinâmica própria da sociedade brasileira da época.

### O Brasil de Guimarães

Guimarães Rosa, de outra parte, debruça-se sobre o sertão brasileiro, afastado das cidades litorâneas, espaço voltado à produção pecuária, com suas personagens vivendo em constante movimento no sertão que se estende, no romance *Grande sertão: veredas*, do norte de Minas Gerais ao sul da Bahia, tendo como referência ge-

ográfica essencial o Rio São Francisco.<sup>1</sup> Geograficamente, o foco de Guimarães Rosa é, se lembrarmos Machado, bem mais amplo: o périplo de Riobaldo e Diadorim devora espaços, demanda chapadas e chapadões, e requer a descrição, por vezes permeada por profundo lirismo, dos rios, dos buritizais, da flora e da fauna, inclusive. Trata-se, nesse sentido, de uma outra cartografia, historicamente existente, mas que se dilui no espaço amplo do sertão que, à época da escrita do romance, estava deixando gradativamente de existir, devido ao próprio avanço da modernização sobre o interior do Brasil.

**IHU On-Line - Como Guimarães e Machado trabalham suas personagens? De que maneira os dilemas sociais brasileiros são tratados através das**

<sup>1</sup> Rio São Francisco: sobre o projeto do Governo Federal à transposição do Rio São Francisco, convira a ampla cobertura realizada pelo sítio do IHU, nas *Notícias do Dia*. Sobre o tema, confira também a revista IHU On-Line 159, de 10-10-2005, intitulada *Salvar o velho Chico: uma luta que se revitaliza*. Confira também os *Cadernos IHU em Formação*, publicação do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, número 28, intitulado *A transposição do Rio São Francisco em debate*. (Nota da IHU On-Line)

histórias?

**João Hernesto Weber** - No caso de Machado de Assis, o foco está na personagem, em seus “dramas morais”. Nos romances iniciais, principalmente a partir de *A mão e a luva*, interessam os dramas surgidos da relação socialmente assimétrica entre as agregadas, como Guiomar, Helena, Estela, Lalau, e os herdeiros da casa patriarcal. Machado, no dizer de Roberto Schwarz,<sup>2</sup> na seqüência de Lúcia Miguel-Pereira,<sup>3</sup> parece investigar, em seus primeiros romances, as possibilidades de ascensão social dos pobres na sociedade escravista do século XIX, perscrutando, “de baixo para cima”, as eventuais brechas à ascensão, sem deixar de expressar, ao mesmo tempo, uma espécie de moralismo dos pobres, que, se com mérito, merecem a ascensão social, enquanto outros – no caso, *outras*, pois os perfis femininos são o foco da narrativa – sucumbem. Já nos romances “maduros”, Machado vai centrar o seu olhar na classe dominante escravista, escrevendo a partir da ótica que anima esse segmento social, em toda a sua perversidade. Basta, para tanto, lembrar o que Brás Cubas diz de Eugênia, a “coxa de nascença”. Aqui inverte-se o olhar, em relação aos primeiros romances, desvendando Machado o que vai pelo âmago da sociedade escravista, em sua constelação preenchida por senhores, dependentes e escravos. A denúncia das atrocidades, velada pela forma solta, digressiva, aparentemente risonha, mostra-se em toda a sua dimensão: é romance de

<sup>2</sup> Roberto Schwarz: crítico literário nascido em Viena, na Áustria, em 1938. Estudou ciências sociais e letras nas universidades de São Paulo, Yale e Paris, onde defendeu uma tese célebre sobre Machado de Assis. Ex-professor da Unicamp, Schwarz é uma das vozes mais incisivas do ensaísmo brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Lúcia Miguel Pereira (1901-1959): foi uma influente crítica literária, biógrafa, ensaísta e tradutora brasileira da primeira metade do século XX, filha do médico sanitarista Miguel da Silva Pereira. Biógrafa de Machado de Assis e referência do ensaísmo feminino nas décadas de 1920 e 1930, ela recomendou à família que em caso de sua morte todos os seus escritos inéditos só poderiam ser publicados com autorização do marido, o advogado Octavio Tarquino de Sousa, e, na falta deste, teriam de ser incinerados. Como ambos morreram juntos, num desastre de avião, a família seguiu à risca as instruções e queimou todos os textos inéditos e cartas pessoais encontradas. (Nota da IHU On-Line)

“No caso de Machado de Assis, o foco está na personagem, em seus ‘dramas morais’. Nos romances iniciais, principalmente a partir de *A mão e a luva*, interessam os dramas surgidos da relação socialmente assimétrica entre as agregadas, como Guiomar, Helena, Estela, Lalau, e os herdeiros da casa patriarcal”

forte escavação social, nas condições da sociedade local.

#### Percepção rosiana

Em Guimarães Rosa, se encontram dois planos, seja na descrição do sertão, o que remete à questão anterior, espaço geográfico concreto e também transfigurado, seja no trato das personagens. As personagens pertencem, concretamente, e historicamente, ao mundo da jagunçagem, lembrando, em muito, o Brasil interiorano da República Velha, com sua ordenação social centrada na figura dos coronéis e seus jagunços, longe do poder de polícia do poder instituído nas cidades litorâneas. As personagens representam tudo isso, mas representam, também, pelo poder de duplicação que Rosa lhes imprime, um tempo imemorial, de luta entre os poderosos chefes do sertão, num espaço épico em que as aventuras patrocinadas pelos heróis,

no tempo narrado por Riobaldo, estão envoltas em brumas que asseguram, a esses mesmos heróis, sua mais absoluta inocência, entre o Bem e o Mal, um o duplo do outro. Isso vem da forma, inclusive, adotada por Rosa, a lembrar não somente a “fúria de Aquiles”, ou a épica clássica, mas também o romance de cavalaria, com sua *História de Carlos Magno e dos doze pares de França*, sem deixar de faltar, também, o mistério representado pela donzelaguerreira, Diadorim. A própria narrativa é dupla, nesse sentido: ao tempo do narrar, Riobaldo, no range-rede, fazendeiro estabelecido, não somente rememora o tempo pregresso, como se indaga sobre ele. Com isso, isto é, com a indagação sobre o tempo pregresso, esvai-se também a inocência da épica em favor do romance, do herói em dúvida, em busca de uma explicação minimamente razoável para a sua existência, ou mesmo penitência, diante da irrealização de seus ideais. Este é o Riobaldo velho, a sonhar, ainda, com Diadorim.

**IHU On-Line - Por que o sertão, no seu entendimento, costuma ser estudado como um espaço metafísico na obra de Rosa?**

**João Hernesto Weber** - Às vezes, acredito, por má-vontade, desprezo para com a história, vinculado, esse desprezo, a teorias neo-idealistas, que transformam tudo em texto, que tem como referente, no máximo, outros textos, sem vínculos com a realidade histórica objetiva. Mas é de se observar que o romance de Rosa apresenta uma possibilidade que faz a leitura facilmente resvalar para o estudo do sertão como espaço metafísico, como afirma a questão proposta. O romance, em sua parte inicial, é indagação sobre o sentido da existência, como colocava acima. Daí transforma-se tudo: a terra, o homem, a luta, o sertão em um “espaço metafísico”, resta um passo. A duplicidade do romance também o propicia: tudo é historicamente datado, mas também não o é, pelo princípio que o rege, entre a concretude do sertão brasileiro e a transfiguração desse mesmo sertão, proporcionado pela forma. Mas se o romance carrega

em si, como afirma Antonio Candido,<sup>4</sup> o princípio da reversibilidade, algo deve ser reversível, isto é, deve haver dois lados, o da história objetiva e o da sua transfiguração literária. Elidir simplesmente um dos lados, no caso, o da história concreta, pode interessar a alguns, mas não a todos, principalmente a quem, como eu, ainda pretende ver os nexos entre literatura e história.

**IHU On-Line - A linguagem de Guimarães Rosa reproduz a fala dos sertanejos, com uma recriação das palavras. De que maneira essa linguagem cria um equilíbrio entre o erudito e o popular?**

**João Hernesto Weber** - Já se disse que Guimarães Rosa teria inventado um idioma próprio, como se não buscasse, como substrato lingüístico para a sua criação literária, o dialeto caboclo-sertanejo existente no sertão. Isso é não querer reconhecer, também, a história subjacente ao romance, transformando-se o discurso de Riobaldo num discurso virginal, linguagem pura, não contaminada pela história. De outra parte, a questão aponta, muito bem, para a possibilidade de uma tentativa de diálogo entre o erudito e o popular. O substrato lingüístico sertanejo compõe a camada popular da fala de Riobaldo, mesclada, por sua vez, com o erudito, a possibilitar o próprio diálogo entre o escritor, o sertão e o leitor medianamente culto da cidade letrada. Esse sempre foi um dos dilemas da literatura no Brasil. O romance que tentasse buscar o interior como matéria literária — e o interior, para além do mundo urbano, sempre esteve aí, a solicitar representação literária — sempre se deparou com este impasse: como abordá-lo, do ponto de vista lingüístico e formal? Normalmente,

<sup>4</sup> Antonio Candido de Mello e Souza (1918): escritor, ensaísta e professor universitário, um dos principais críticos literários brasileiros. É professor emérito da USP e UNESP, e doutor honoris causa da Unicamp. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4) e dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Na vida política, participou de 1943 a 1945 na luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Escreveu o clássico *Parceiros do Rio Bonito* (1964). (Nota da IHU On-Line)

**“Em Guimarães Rosa, se encontram dois planos, seja na descrição do sertão, o que remete à questão anterior, espaço geográfico concreto e também transfigurado, seja no trato das personagens”**

ocorre aquilo que Lúcia Miguel-Pereira denomina de “atitude de turista”. É o romancista culto, cidadão, que vai ao interior e registra modos de ser típicos do caboclo, do caipira, sem deixar de registrar, também, a fala “errada” do caboclo. Mesmo no romance mais sério dos anos 30, como em *Graciliano Ramos*,<sup>5</sup> encontramos esse dilema. Paulo Honório gasta dois capítulos, diz ele, para tentar tornar seu romance verossímil; em *Vidas secas*, as personagens não falam, grunhem... Há, no caso de *Vidas secas*, toda uma empatia do autor com a vida dos oprimidos do sertão, mas há a sombra da impossibilidade do diálogo efetivo. Guimarães Rosa tenta estabelecer uma ponte entre esses dois universos, o universo letrado da *urbs* e o universo iletrado do interior, através da “inteligibilidade”, digamos, que, através da língua culta urbana, imprime ao dialeto sertanejo, na tentativa de estabelecer um diálogo

<sup>5</sup> Graciliano Ramos (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*, em 1963 e 1983, respectivamente, por Nelson Pereira dos Santos. A obra *Vidas secas* foi o objeto de estudo do *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, de 17-06-2004. Quem conduziu o debate foi a Profa. MS Célia Dóris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105ª edição da IHU On-Line, de 14-06-2005, disponível para *download* no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). Sobre Graciliano, confira a edição 174, de 22-09-2008, intitulada *Josué de Castro e Graciliano Ramos. A desnaturalização da fome*. (Nota da IHU On-Line)

go entre os dois mundos. Tenta uma mediação. Não por acaso, Riobaldo é um elemento mediador por excelência: ele é escolarizado, sabe ler e escrever, sabe aritmética e estudou história pátria. Sua fala é sertaneja, em seu vocabulário, em seus torneios sintáticos, e é compreensível, ao mesmo tempo, para um homem escolarizado da cidade. Com o procedimento, cabe também frisar, retira o preconceito que sempre recaía sobre o falar “errado” dos homens do interior brasileiro, tornando-os seres singulares, em seu enraizamento histórico. O sertão, finalmente, adquire voz, independentemente da ótica ideológica que alimenta o romance, em sua proposta, também é de se ver, de diálogo entre o passado sertanejo e o presente da modernização tardia do país.

**IHU On-Line - Como as obras de Machado ajudam a compreender o contexto social e político do Brasil do século passado? Os seus personagens continuam atuais. Por quê?**

**João Hernesto Weber** - Machado viveu em um período extremamente importante da vida brasileira, o da passagem do trabalho escravo ao trabalho formalmente livre, o da passagem da Monarquia à República. É um dos momentos decisivos da formação brasileira, com suas heranças de “longa duração”, a se refletirem na vida nacional ainda hoje, em termos de sua organização política e social, o país sempre enredado entre a modernização possível e o atraso a atravancar as relações políticas, sociais, pessoais inclusive. Para se conhecer este país, Machado é essencial: ele não só vasculhou o perfil da classe dominante escravista, como acompanhou o surgimento de novos agentes sociais que nasceram no bojo do escravismo e que carregam, hoje ainda, traços típicos da formação social brasileira anterior à “revolução burguesa”, inconclusa. A errância de suas personagens, entre a loucura em busca de identidade própria e o desprezo para com os “de baixo”, parece-me dado constitutivo da formação social brasileira. Para conhecer essa formação histórica em sua intimidade, nada melhor do que a leitura de Machado, um escritor, sob esse aspecto, atualíssimo.

**IHU On-Line - De que maneira a obra de Machado dialoga com o “motivo do duplo”, que faz parte da tradição européia do século XIX? Que obras poderiam caracterizar de maneira mais intensa este diálogo?**

**João Hernesto Weber** - O “motivo do duplo”, ou “Das Doppelgängermotiv”, é tópico recorrente na literatura do século XIX, não somente em termos europeus escritos, no sentido das literaturas dominantes, mas, diria até que com mais ênfase, na periferia desse mesmo centro dominante. Sua predominância ocorre no conto, com E. T. A. Hoffmann,<sup>6</sup> Poe,<sup>7</sup> Gogol,<sup>8</sup> Dostoiévski,<sup>9</sup> por exemplo, ou em Kafka.<sup>10</sup> “O homem de areia”, de Hoffmann, ou “William Wilson”, de Poe, ou “O capote”, de Gogol, só para citar alguns, são exemplares da fratura do indivíduo diante da modernização.

6 Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann (1776-1822): escritor, compositor, caricaturista e pintor alemão. Um dos maiores nomes da literatura fantástica mundial. (Nota da IHU On-Line)

7 Edgar Allan Poe (1809-1849): escritor, poeta, romancista e crítico literário estado-unidense. É considerado um dos precursores da literatura de ficção científica. Algumas de suas obras como *The murders in the Rue Morgue* (Os crimes da Rua Morgue) e *The purloined letter* (A carta roubada) foram as primeiras obras reconhecidas como policiais. (Nota da IHU On-Line)

8 Nikolai Vassilievitch Gogol (1809-1852): escritor russo. Gogol é a primeira grande figura do realismo russo. Começa por escrever contos: *Serões na Propriedade de Dikanka*, *Arabescos*, *O retrato*, *Diário de um louco*. Publica um importante romance romântico, *Taras Bulba*, que descreve as lutas dos cossacos contra os ocupantes polacos. Mas não demora a inclinar-se para as propostas literárias do realismo. A este gênero se sujeita a sua obra-prima, *Almas mortas*, que, baseando-se num fato real, uma burla que consiste em comprar servos mortos para os hipotecar e obter assim um empréstimo, vem a ser uma visão violentamente satírica da Rússia anterior à abolição da escravatura. (Nota da IHU On-Line)

9 Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-09-2006 dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*. (Nota da IHU On-Line)

10 Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. De suas obras, destacamos *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acaba transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da IHU On-Line)

“Das Unheimliche”, lembrando Freud,<sup>11</sup> que baseia o seu ensaio em “Der Sandmann”, de Hoffmann, é o “estranho” que habita, ao mesmo tempo, o lar do indivíduo, sócia de si mesmo. É tema recorrente, e é espelho, a meu ver, da busca de identidade na periferia do sistema, a refratar, no entanto, o próprio sistema, em seu centro. Essa percepção perpassa a obra de Machado, com maior destaque nos contos, que, por sucintos, trabalham constantemente essa questão. Diria, até, que o motivo do duplo articula, em grande parte, os seus contos a partir de *Papéis avulsos*, de 1882, mas que se encontra, também, num romance como *Memórias póstumas* ou, em *Quincas Borba*, na figura de Rubião, um duplo de D. Pedro II,<sup>12</sup> duplo também de um Napoleão III,<sup>13</sup> na leitura de John Gledson.<sup>14</sup> Nos contos, é o problema do

11 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, e a edição 207, de 04-12-2006 o tema de capa *Freud e a religião*. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*. Todos os materiais estão disponíveis para download no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da IHU On-Line)

12 Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bebiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Bragança e Habsburgo (1825-1891): segundo imperador do Brasil, nasceu no Rio de Janeiro, e assumiu o trono em 1841, aos 15 anos de idade, sob a tutela de José Bonifácio. Foi o sétimo filho de D. Pedro I e da arquiduquesa Dona Leopoldina de Áustria. Em 1843, casou-se com a princesa napolitana Tereza Cristina Maria de Bourbon, com quem teve quatro filhos. Com fama de ser avesso à política, D. Pedro II protegeu artistas, escritores e cientistas, com os quais manteve contato ao longo de sua vida. Deixou o Brasil dois dias após a proclamação da República, em 1889. Dois anos depois, faleceu em Paris, aos 66 anos. (Nota da IHU On-Line)

13 Napoleão III (1808 - 1873): Carlos Luís Napoleão Bonaparte nasceu em Paris e é sobrinho de Napoleão Bonaparte. Foi presidente e posteriormente imperador da França, entre 1852-1870. (Nota da IHU On-Line)

14 John Gledson: docente no Departamento

artista que se quer erudito e só consegue produzir música popular, em sua irrealização constante; é o espelho em que Jacobina, sem alternativas, busca a sua identidade; são as mulheres volúveis, entre a irrealização e o devaneio; é a igreja do diabo que é a duplicação da igreja de deus, esta por sua vez o duplo daquela. Nisso tudo, há que se ver uma possibilidade de leitura do local, bem entendido. O duplo indica, também, para além da fratura e irrealização do indivíduo, a própria fratura que perpassa o país, entre o não ser e o ser outro, para lembrar, aqui, Paulo Emílio Salles Gomes.<sup>15</sup> Diria, em conformidade com o princípio da “redução estrutural” proposto por Antonio Candido, que o duplo nos contos machadianos representa a própria redução estrutural da fratura do país.

**IHU On-Line - O senhor diz que Machado tinha interesse em apresentar o momento local em suas obras. Podemos dizer que isso acontecia justamente porque naquele período havia interesse em consolidar uma literatura brasileira?**

**João Hernesto Weber** - Toda a tarefa que Machado se impôs como escritor vai nesse sentido. A segunda parte do ensaio “Instinto de nacionalidade” é isto: um projeto de construção de uma literatura brasileira, não amarrada, no entanto, ao cor-localismo. Primeiramente, Machado mapeia a literatura existente à época da escrita do ensaio (1873); depois trata dos gêneros literários, tentando perceber as lacunas da formação literária brasileira. Afirma, por exemplo, que

de Estudos Hispânicos da Universidade de Liverpool, Inglaterra. Especialista em Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade. Entre suas obras, destacamos *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade* (São Paulo: Duas Cidades, 1981), *Machado de Assis: ficção e História* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986), *Machado de Assis: impostura e realismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 1990) e *Por um novo Machado de Assis* (São Paulo: Companhia das Letras, 2006). Confira a entrevista “Um estilo marcado pela ironia”, dada por Gledson à revista IHU On-Line número 262, de 16-06-2008, intitulada *Machado de Assis: um reconhecedor da alma humana*, de 16-06-2008. Ela está disponível na nossa página eletrônica ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da IHU On-Line)

15 Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977): historiador e crítico de cinema brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

o romance de análise de caracteres é raro no Brasil. O que Machado, depois, vai intentar fazer? Romances de análise de caracteres. Afirma que o conto, apesar de gênero aparentemente fácil, que afasta os escritores, é de difícil execução. O que Machado vai fazer, na seqüência? Escrever cada vez mais contos, a somarem, no conjunto de sua obra, mais de duzentos. Nesse sentido, pode-se afirmar que Machado foi, sim, um autor empenhado em consolidar uma literatura brasileira, sem as limitações impostas pelo momento, mas extremamente expressiva do momento por que passava o país.

#### EVENTO

Seminário Nacional de Literatura: Machado e Rosa  
Mesa-redonda: A cidade e o sertão: espaços do Brasil  
Participantes:  
Prof. Dr. João Hernesto Weber - UFSC  
Profa. Dra. Juracy Assmann Saraiva - FEEVALE  
Mediadora: Profa. Dra. Eliana Pritsch - Unisinos  
Local: Anfiteatro Pe. Werner  
Horário: 9h às 12h:

#### BAÚ DA IHU ON-LINE

- \* *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*. Edição nº 73, de 01-09-2003;
- \* *Érico Veríssimo. Vida, obra e atualidade*. Edição nº 154, de 05-09-2005;
- \* *Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa*. Edição nº 178, de 02-05-2006;
- \* *Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*. Edição nº 193, de 28-08-2006;
- \* *Fiódor Dostoiévski: pelos subterrâneos do ser humano*. Edição nº 195, de 11-09-2006.
- \* *Cem anos de solidão. Realidade, fantasia e atualidade: os 40 anos da obra de Gabriel García Márquez*. Edição nº 221, de 28-05-2007;
- \* *Rûmî. O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade*. Edição nº 222, de 04-06-2007;
- \* *Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho*. Edição nº 228, de 16-07-2007;
- \* *Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo*. Edição nº 232, de 20-08-2007;
- \* *Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa*. Edição nº 244, de 19-11-2007;
- \* *O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre literatura e teologia*. Edição nº 251, de 17-03-2008;
- \* *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*. Edição nº 262, de 16-06-2008;
- \* *Macunaima: 80 anos depois. Ainda um personagem para pensar o Brasil*. Edição nº 268, de 11-08-2008.

## Grande sertão: veredas: “uma máquina de moer ideologias”

Guimarães Rosa “libera as línguas aprisionadas na língua”, dando voz aos que não têm voz, ou seja, àqueles desqualificados pela cultura dominante, avalia João Adolfo Hansen

POR ANDRÉ DICK E PATRICIA FACHIN

**G**uimarães Rosa “é um ator dotado de uma consciência antropológica finíssima e que, ao tratar de seus tipos sertanejos, evita falar por eles e sobre eles, como tinha feito toda a ficção regionalista anterior a ele.” A definição é de João Adolfo Hansen, professor de Literatura da Universidade de São Paulo (USP). Em sua obra, Rosa trata o sertão como um local quem tem historicidade própria, “o faz falar, mas não lhe concede exclusividade, pois também representa o seu outro, a cidade, que o propõe como objeto”, explica. Nessa mescla de realidades, as falas sertaneja analfabeta e a urbana letrada se encontram, “sem que nenhuma delas prevaleça, o que produz vazios quando as representações de uma e outra se chocam e se anulam reciprocamente”. O diálogo entre esses dois mundos, segundo Hansen, “indetermina as versões sertanejas e as versões cidadinas sobre o sertão, impedindo que sua identidade se fixe como ‘identidade brasileira’”.

Hansen é mestre e doutor em Literatura Brasileira, pela Universidade de São Paulo (USP). Entre seus livros, destacamos *O o: a ficção da literatura em Grande sertão: veredas* (São Paulo: Hedra, 2000), *A sátira do engenho* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2004) e *Alegoria. Construção e interpretação da metáfora* (São Paulo: Hedra, 2006). Confira a seguir, a entrevista concedida à IHU On-Line, por e-mail.

**IHU On-Line - O senhor tem um estudo sobre *Grande sertão: veredas*, que lida sobretudo com a linguagem e o universo utilizados por Guimarães. De que modo eles são construídos e por que, na sua visão, permanecem tão atuais, instigando sempre novos debates e estudos?**

**João Adolfo Hansen -** Como Mallarmé<sup>1</sup> e Joyce,<sup>2</sup> Rosa se recusa a escrever numa língua degradada como é a língua instrumental da sociedade de massas. Ao mesmo tempo, ele detesta o racionalismo cartesiano e também não

1 **Stéphane Mallarmé** (1842-1898): poeta e crítico literário francês. Mallarmé se utilizava dos símbolos para expressar a verdade através da sugestão, mais que da narração. Sua poesia e sua prosa se caracterizam pela musicalidade, a experimentação gramatical e um pensamento refinado e repleto de alusões que pode resultar em um texto às vezes obscuro. Seus poemas mais conhecidos são *L'après-midi d'un faune* (1876), *Herodias* (1869) e *Un coup de dés* (1897). Outras obras importantes de Mallarmé são a antologia *Verso e prosa* (1893) e o volume de ensaios em prosa *Divagações* (1897). Mallarmé destacou-se por uma literatura, em que se mostra ao mesmo tempo lúcida e obscura. É, por isso, considerado um poeta difícil e hermético. Sobre Mallarmé, confira a entrevista “A quase-arte de Mallarmé”, concedida por André Dick, doutor em Literatura Comparada pela UFRGS e revisor da revista IHU On-Line. O material pode ser acessado no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), em 27-07-2007. (Nota da IHU On-Line)

2 **James Augustine Aloysius Joyce** (1882-1941): escritor irlandês considerado um dos autores de maior relevância do século XX. Suas obras mais conhecidas são o volume de contos *Dublinenses* (1914) e os romances *Retrato do artista quando jovem* (1916), *Ulisses* (1922) e *Finnegans wake* (1939). (Nota da IHU On-Line)

gosta de Aristóteles<sup>3</sup> e Hegel.<sup>4</sup> Vamos dizer, sinteticamente, que ele recusa os padrões da representação clássica e realista, e que passa ao lado do par formalismo/conteudismo que pressupõe justamente a representação. Sua ficção é dupla: é a ficção de uma região, “sertão”, e de seus tipos humanos, mas também é a ficção de uma língua que deve compensar os desgastes ideológicos dos usos da língua liberando as línguas recalcadas na língua. Ele inventa essa língua, que ele dizia ser a “língua que se falou antes de Babel”, por meio de procedimentos técnicos – ele estiliza a oralidade do Centro-Oeste do Brasil, estiliza os padrões da língua portuguesa escrita desde o século XV, inventa neologismos, falsas etimologias, importa estrangeirismos, faz usos inusitados de prefixos e sufixos, recategoriza e reclassifica categorias e classes gramaticais etc. Sobre isso, o livro de Mary Lou Daniel é fundamental. Efetuada por meio de tais procedimentos, a forma de seus textos produz o estranhamento e a indeterminação dos padrões habituais memorizados ou familiares do leitor, que se vê obrigado a ler decifrando seu estilo para preencher os vazios da intelecção. Com isso, Rosa sugere algo que escapa à determinação da forma mediada pela representação e que, para ele, devia dar-se na intuição do

**“Sua ficção é dupla: é a ficção de uma região, ‘sertão’, e de seus tipos humanos, mas também é a ficção de uma língua que deve compensar os desgastes ideológicos dos usos da língua liberando as línguas recalcadas na língua”**

leitor, algo que ele chamava de “mel do maravilhoso”, “supra-senso” etc. Sua operação é política, no sentido do “dar um sentido mais puro às palavras da tribo” de Mallarmé, ou seja, no sentido de recusar a moeda corrente das palavras.

**IHU On-Line - Existe uma ligação com metafísica, sob o ponto de vista filosófico, nas obras de Guimarães? Como ele visualiza as figuras de Deus e do diabo?**

**João Adolfo Hansen** - Eu diria que ele tem uma metafísica do estilo que, ficcionalmente, aparece como metáfora da metafísica ou estilo da metafísica. Várias vezes, ele demonstra que prefere Platão,<sup>5</sup> Cristo, Plotino,<sup>6</sup> Ber-

gson,<sup>7</sup> Berdyae,<sup>8</sup> e que detesta Aristóteles, Descartes,<sup>9</sup> Hegel. Ou seja: afirma preferir autores que afirmam a superioridade das formas intuitivas do entendimento contra autores intelectualistas e racionalistas. Com isso, afirma “Deus” e a contra-efetuação de Deus, o diabo, não-ser. Quando figura a experiência dos personagens sertanejos, Deus corresponde à Significação das significações e, diabo, à negação dela. Pensemos, por exemplo, o que acontece com a vida de Nhô Augusto Matraga quando se decide a ir para o Céu mesmo que a porrete. Ao mesmo tempo, Deus/diabo também são metáforas de princípios políticos aplicados à invenção do mundo social dos textos. Por exemplo, em *Grande sertão: veredas*, Deus fundamenta o imaginário da força no sertão, validando os códigos de honra dos coronéis e seus jagunços; o diabo, no caso, é a força do imaginário (lembramos que Riobaldo faz o pacto com ele para obter o poder para vencer o Hermógenes e seu bando). Também podemos pensar Deus/diabo retoricamente; assim, em *Grande sertão: veredas*, “Deus” é o interpretante dos sinônimos aplicados como significação da multiplicidade das coisas do sertão; e “diabo”, interpretante dos homônimos ou potência do duplo ou duplicidade da linguagem que Rosa faz proliferar e misturar-se nas designações de coisas, homens e eventos.

3 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.-322 a.C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, nas áreas de ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural, entre outras. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

4 **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecesores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, intitulada *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*. (Nota da IHU On-Line)

7 **Henri Bergson** (1859-1941): filósofo e diplomata francês. É conhecido principalmente pelas obras *Matière et mémoire* e *L'Évolution créatrice*. Em 1927, obteve o Prêmio Nobel de Literatura. Sobre o pensamento de Bergson, confira a edição 237 da IHU On-Line, de 24-09-2007, intitulada *A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois*. (Nota da IHU On-Line)

8 **Nikolai Berdyae** (1874-1948): filósofo russo, teórico do niilismo. (Nota da IHU On-Line)

9 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se, sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Em Guimarães Rosa, abre-se um espaço considerável para se abordar a fala (o popular, o oral) e a escrita, como o senhor já observou em seus estudos. Como entende, ligando também aos seus estudos, nesse sentido, a observação do crítico literário português Eduardo Lourenço, que afirma que “Guimarães Rosa desce ao porão do Brasil como língua, descobre-a, e, não por acaso, naquelas Minas sem as quais o Brasil como veio a existir nunca teria se feito nação”.<sup>10</sup>

João Adolfo Hansen - Não sei se o Brasil nunca se teria feito nação sem Minas. Não me lembro se Eduardo Lourenço está se referindo à Inconfidência. Acho que Rosa libera as línguas aprisionadas na língua, fazendo falar o que não fala, dando voz ao que não tem voz, tortas raças de pedras, farfalhar do vento, bois, onças, montanhas e tipos humanos loucos, crianças, aluados, poetas, bêbados etc. que a cultura dominante desqualifica como incompetentes. Sabemos que ele pesquisou os falares do Centro-Oeste, constituindo-os como matéria da estilização artística.

IHU On-Line - Como é possível pensar uma identidade brasileira a partir dos personagens de Guimarães, ou essa identidade é absorvida pela criação literária, que não se prende exatamente a uma manifestação que pode ser vista como sociológica?

João Adolfo Hansen - A questão da identidade brasileira é complexa. Rosa dizia que “Riobaldo é somente Brasil” e, ao mesmo tempo, citando o sublime de Longino e Kant,<sup>11</sup> que a “brasileida-

10 LOURENÇO, Eduardo. Guimarães Rosa ou o terceiro sertão. In: *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 218. (Nota da IHU On-Line)

11 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para download na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

“Ao mesmo tempo, Deus/diabo também são metáforas de princípios políticos aplicados à invenção do mundo social dos textos. Por exemplo, em *Grande sertão: veredas*, Deus fundamenta o imaginário da força no sertão, validando os códigos de honra dos coronéis e seus jagunços; o diabo, no caso, é a força do imaginário”

de” é a “língua do indizível”. Acredito que ele é um autor dotado de uma consciência antropológica finíssima e que, ao tratar de seus tipos sertanejos, evita falar por eles e sobre eles, como tinha feito toda a ficção regionalista anterior a ele, desde os românticos do século XIX. Nele, o sertão é um outro cultural que tem historicidade própria que passa ao lado dos códigos letrados da civilização do litoral. Quando figura

do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da IHU On-Line)

o sertão, Rosa o faz falar, mas não lhe concede exclusividade, pois também representa o seu outro, a cidade, que o propõe como objeto. Assim, nos seus textos, sertão/cidade, analfabeto/al-fabeto, oralidade/escrita, mito/Luzes etc. coexistem sem que nenhum dos termos das oposições suplante o outro. Veja, por exemplo, o que acontece no uso que faz do modo épico e dramático no *Grande sertão: veredas*. Dramaticamente, o texto é o diálogo continuado do sertanejo Riobaldo com o doutor ilustrado da cidade. O doutor está silenciado e suas falas só aparecem citadas na fala de Riobaldo. Esta é uma mescla de duas espécies de falas — a sertaneja analfabeta e a urbana letrada — que determina e avalia, como mescla, o sentido do modo épico, a narração da história. A mescla avalia o que é dito por duas perspectivas simultâneas, sertaneja/urbana, sem que nenhuma delas prevaleça, o que produz vazios quando as representações de uma e outra se chocam e se anulam reciprocamente, “nonada”. Assim, o diálogo e a narração indeterminam as versões sertanejas e as versões cidadinas sobre o sertão, impedindo que sua identidade se fixe como “identidade brasileira”. *Grande sertão: veredas* é uma máquina de moer ideologias, entre elas a ideologia da identidade nacional brasileira.

IHU On-Line - Há uma historicidade evidente nas criações de Rosa, no que se refere ao contexto em que foram criadas?

João Adolfo Hansen - Podemos falar de uma historicidade do ato da invenção de Rosa como um ato que é simultaneamente artístico e social, pressupondo diversos condicionamentos, como o estado da ficção brasileira anterior e contemporânea e, ainda, o estado geral das coisas no Brasil e no mundo no momento em que escreve. Por exemplo, em *Primeiras estórias*, há referências evidentes ao momento da escrita como o momento da construção de Brasília como projeto de integração do interior do país ao litoral.

Há também a historicidade das matérias sociais citadas, estilizadas e parodiadas por Rosa. Essas matérias são, por exemplo, padrões da linguagem

oral do Centro-Oeste, que ele pesquisou. Também matérias sociais literárias, como os romances românticos, realistas e naturalistas brasileiros, a obra de Euclides da Cunha,<sup>12</sup> o modernismo de São Paulo, o romance nordestino de 1930, além da grande literatura universal, de Dante<sup>13</sup> a Thomas Mann,<sup>14</sup> de Marlowe a Goethe,<sup>15</sup> de Homero<sup>16</sup> a Joyce etc. E, ainda, as representações dos ideólogos do Brasil que, à direita e à esquerda, teorizaram a chamada “brasileiridade” desde o século XIX. Em *Grande sertão: veredas*, Rosa os cita pela boca de papel de Riobaldo, geralmente como paródias que os esvaziam.

Além disso, há a historicidade particular do ato da leitura. Em Rosa, esse ato não é o do simples reconhecimento do que as histórias contam, porque a forma do seu estilo é singular e corre paralelamente às fábulas, obrigando o leitor a lê-la de maneira não-usual que incide diretamente sobre a historicidade de seus hábitos perceptivos, chamando sua atenção para o artificial

12 Euclides da Cunha (1866-1909): engenheiro, escritor e ensaísta brasileiro. Entre suas obras, além de *Os Sertões* (1902), destacam-se *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907), *À margem da história* (1909), e as obras póstumas *Canudos: diário de uma expedição* (1939) e *Caderneta de campo* (1975). (Nota da IHU On-Line)

13 Dante Alighieri (1265-1321): escritor italiano cuja principal obra é *A divina comédia*. (Nota da IHU On-Line)

14 Thomas Mann (1875 - 1955): romancista alemão, considerado como um dos maiores do século XX. Recebeu o prêmio Nobel da Literatura em 1929. Foi o irmão mais novo do romancista Heinrich. Ganhou repercussão internacional, aos 26 anos, com sua primeira obra, *Os Buddenbrooks* (Buddenbrooks), romance que conta a história de uma família protestante de comerciantes de cereais de Lübeck ao longo de três gerações. (Nota da IHU On-Line)

15 Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da IHU On-Line)

16 Homero: primeiro grande poeta grego, que teria vivido há cerca de 3500 anos e consagrado o gênero épico com duas grandiosas obras: *Iliada* e *Odisséia*. Nada se sabe seguramente da sua existência, mas a crítica moderna inclina-se a crer que ele terá vivido no século VIII a. C., embora sem poder indicar onde nasceu nem confirmar a sua pobreza, cegueira e afã de viajante, caracteres que tradicionalmente lhe têm sido atribuídos. (Nota da IHU On-Line)

## “Riobaldo expressa o Brasil não como unidade, mas como a mistura monstruosa e intotalizável que é”

do arbitrário simbólico (o texto é ficção, obviamente) e para os processos de construção da verossimilhança.

**IHU On-Line - Como *Grande sertão: veredas*, por exemplo, dialoga com outras obras, sobretudo estrangeiras?**

João Adolfo Hansen - *Grande sertão: veredas* dialoga com muita coisa estrangeira. O que falo não é exaustivo e lembro o belo livro de Suzy Sperber<sup>17</sup> sobre isso. Lembro, por exemplo, Dante, citado várias vezes em *Grande sertão* em fórmulas, como “funil de final”, ou em personagens, como Diadorim, *donna angelicata* como Beatriz. E também, evidentemente, o diabo. Há também a tradição da novela de cavalaria – Amadis de Gaula, Palmeirim de Inglaterra, a Demanda do Santo Graal, a Mort d’ Artu, Roberto do Diabo etc. As epopéias antigas e do século XVI: Homero, Virgílio,<sup>18</sup> Torquato Tasso,<sup>19</sup> Ariosto<sup>20</sup> etc. E a tradição do Fausto – o Fausto medieval alemão, o Fausto de Marlowe, o Fausto de Goethe, o Fausto de Thomas Mann. E muita coisa oriental, hinduísta, budista etc.

Em geral, Rosa estiliza as referências, adaptando-as ao sertão. Por exemplo, textos gregos antigos chamam o Apolo de Delfos de “Lóxias”, *skoteinos*, “obscuro”, porque falava

por enigmas através da Sibila. Em *O recado do morro*, Rosa cita esse Apolo quando o Gorgulho grita para a montanha: “Não me venha com lóxias!”.

Também Cervantes. No *Dom Quixote*, Sancho representa a cultura popular oral e Quixote, a cultura culta letrada, o que vemos reproduzido na posição do Riobaldo sertanejo conversando com o doutor ilustrado. Além disso, há citações de fórmulas. Por exemplo, no capítulo XXV da 2ª parte de *Dom Quixote*, o diabo passa “levantando caramillos en el viento y grandes quimeras de nonada”, o que é estilizado várias vezes, por exemplo, como “O diabo na rua no meio do redemunho”.

**IHU On-Line - O senhor observa, em seu estudo sobre *Grande sertão*, que Riobaldo é “uma espécie de Macunaíma a sério, por sua boca passa o mito como vontade de fundar uma origem a partir da qual representações imaginárias, formações ideológicas se intertextualizam e, fazendo-se como fala, dão-se como história na estória”. Riobaldo pode ser visto, a exemplo de Macunaíma, como um personagem que expressa o Brasil?**

João Adolfo Hansen - Riobaldo expressa o Brasil não como unidade, mas como a mistura monstruosa e intotalizável que é. Lembremos que no presente da leitura do livro ele é fazendeiro, crente em Deus, casado, rezador, supersticioso, kardecista etc. E, no passado que conta, é raso jagunço atirador cachorrando pelo sertão, reproduzindo as leis da submissão à benevolência violenta de coronéis latifundiários e as crenças populares em Deus e no diabo etc. Sua fala é torta entortada, sem unidade, montada por paradoxos que esvaziam as representações que expressam o Brasil.

### LEIA MAIS...

>> João Adolfo Hansen já participou de outra edição da IHU On-Line. Confira a entrevista no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).

Entrevista:

\* *Vieira: múltiplo e contraditório*. Edição nº 244, Antônio Vieira. *Imperador da Língua Portuguesa*, de 19-11-2007.

17 Suzy Sperber: professora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. (Nota da IHU On-Line)

18 Publius Vergilius Maro (70 a. C.-19 a. C.): mais conhecido como Virgílio, é um poeta romano. (Nota da IHU On-Line)

19 Torquato Tasso (1544-1595): poeta italiano. (Nota da IHU On-Line)

20 Ludovico Ariosto (1474-1533): poeta italiano. (Nota da IHU On-Line)

## O olhar machadiano sobre o Brasil

Para a pesquisadora Luciana Coronel, a História é o “horizonte maior da literatura de Machado de Assis”

POR ANDRÉ DICK E PATRÍCIA FACHIN

**E**m entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, a pesquisadora Luciana Coronel comenta as leituras de Machado de Assis sobre o Brasil, e afirma que ele se identificava com a identidade brasileira. Para ela, a ficção machadiana “se afasta do padrão de representação da paisagem e da natureza exótica do país”. Além disso, destaca, as leituras do escritor ainda são bastante atuais. Acusado de “alienado, incapaz de repensar a glória de um momento importante da história do país, posteriormente a historiografia veio a afirmar o que a ficção de Machado já apontava: que a República havia sido um golpe realizado por meia dúzia de militares, à revelia do povo e de suas necessidades”.

Professora de História e Literatura Brasileira do Centro Universitário Metodista IPA, Luciana Coronel cursou graduação em História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestrado em Letras, pela mesma universidade, e doutorado em Literatura Brasileira, pela Universidade de São Paulo (USP).

**IHU On-Line - Existem elementos nas obras de Machado que podem ser explicados a partir de sua visão histórica do Brasil e que formem uma espécie de identidade brasileira?**

**Luciana Coronel** - Existem, sim. Em que pese Machado ter sido considerado por uma parte da crítica um autor pouco brasileiro, porque sua ficção se afastava do padrão de representação da realidade brasileira que se pautava pela “cor local”, pelo esforço de representação da paisagem e da natureza exótica do país, é possível lê-lo e entendê-lo como autor muito identificado com o Brasil e a identidade brasileira. Esta advém da estrutura composicional de sua forma narrativa, da maneira como ele constrói seu texto, muito mais do que da presença de um ou outro tema típicos do país e de sua história.

**IHU On-Line - Machado lidou com temas essenciais, como o abolicionismo. Era, ao mesmo tempo, monarquista e abolicionista. Participou da vida política brasileira, mesmo que indiretamente, e foi o criador da Academia Brasileira de Letras. O Machado escritor tinha uma faceta**

**“Machado deu várias pareceres sobre disputas em torno da Lei do Ventre Livre, e sempre se pronunciou a favor do escravo, o que é uma prova de sua posição abolicinista, em sentido amplo”**

**voltada para a história? Ele se preocupava, por exemplo, com o crescimento do Brasil, em sua participação social, mesmo que discreta?**

**Luciana Coronel** - Me parece muito forte afirmar que Machado era “monarquista e abolicionista”. O que é certo é que ele tinha simpatias por D. Pedro II, que era um incentivador das artes e, no fim

das contas, deu a ele um título (a Comenda da Ordem da Rosa) que lhe abriu as portas para o serviço público. Certamente era a favor da abolição, mas não foi militante de rua, de comício, nem de literatura, e por isso dizer abolicionista pode sugerir o que não é o caso. Há um estudo recente do Sidney Chalhoub<sup>1</sup> mostrando que, como funcionário, Machado deu várias pareceres sobre disputas em torno da Lei do Ventre Livre,<sup>2</sup> e sempre se pronunciou a favor do escravo, o que é uma prova de sua posição abolicinista, em sentido amplo.

A História é o horizonte maior da literatura de Machado de Assis, ainda que não se possa identificá-la com qualquer espécie de engajamento. Um cético do-

<sup>1</sup> Sidney Chalhoub: historiador e pesquisador da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Cursou graduação em História, pela Lawrence University, mestrado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e doutorado pela Unicamp. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Lei do Ventre Livre (28-09-1871): o projeto da Lei do Ventre Livre foi proposto pelo gabinete presidido pelo visconde do Rio Branco, em 1871. Embora tenha sido objeto de grandes controvérsias no Parlamento, a lei representou, na prática, um passo na direção do fim da escravatura. Assim, a Assembléia Geral decretou que os filhos de mulheres escravas, que nasceram no Império desde a data da lei, eram considerados livres. (Nota da IHU On-Line)

“O ceticismo que se depreende dos livros de Machado expressa esta espécie de consciência da profundidade dos problemas, e do tamanho do desafio que será, ou seria, efetivamente transformar este país”

tado de um sendo amargo das contradições do país, isso é o que ele era. Sua ficção desmascara vícios, mas não aponta soluções que qualquer espécie.

IHU On-Line - O autor de *Quincas Borba* teve uma aproximação com o “cientificismo” em algumas de suas obras. É possível desenhar uma analogia entre os campos da psicologia e da literatura, como em *O alienista*?

Luciana Coronel - Esta é uma das peculiaridades deste autor. Se com certeza sua literatura depois de *Memórias póstumas de Brás Cubas* é exemplo de ficção pós-romântica, afastada e crítica da estética do romantismo, também é verdade que o autor tampouco se identifica com a onda cientificista que embalou realistas e, sobretudo, naturalistas. Machado observa a distância a produção literária tão cheia de certezas e tão confiante no progresso, colocando sua ficção cheia de desvãos e ambigüidades como uma espécie de resistência ao padrão vigente, que apostava na ciência como caminho para alcançar o progresso.

A psicologia, tema de *O alienista*, entra com certeza no rol das ciências que cabe ao autor problematizar, evidenciando quão arbitrárias são as decisões do médico Simão Bacamarte. Não sei se é o caso de se falar de analogias entre psicologia e literatura. Aqui, me

parece muito mais estar a psicologia como fonte de problematização da visão de mundo ingenuamente confiante na ciência e, portanto, como tema.

IHU On-Line - Em algumas crônicas, Machado fazia referência à época da Independência do Brasil e ao período da Regência. Como esses momentos, às vezes esquecidos pelos leitores, se relacionavam com sua realidade atual?

Luciana Coronel - A leitura que Machado faz da proclamação da República é absolutamente atual. Se à época, uma parte da crítica tomou-o como autor alienado, incapaz de representar a glória de um momento importante da história do país, posteriormente a historiografia veio a afirmar o que a ficção de Machado já apontava: que a República havia sido um golpe realizado por meia dúzia de militares, à revelia do povo e de suas necessidades. O ceticismo que se depreende dos livros de Machado expressa esta espécie de consciência da profundidade dos problemas, e do tamanho do desafio que será, ou seria, efetivamente transformar este país.

IHU On-Line - Há um texto referencial, “Instinto de nacionalidade”, em que Machado trabalha com o conceito de nacionalismo da literatura. Até que ponto, em sua opinião, esse texto marca uma visão de Machado sobre o seu país?

Luciana Coronel - Mais do que uma visão sobre o país, “Instinto de nacionalidade” marca uma visão sobre a literatura, e as artes em geral, no que diz respeito aos vínculos que estabelecem com os países em que são geradas. Muito mais do que uma representação descritiva da “exterioridade” do país, Machado defende que cabe aos artistas representarem o “sentimento íntimo” de serem daquele lugar, não importa sobre que tema falem.

#### EVENTO

>> Luciana Coronel participa do Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa, no dia 30-10-2008.  
Minicurso: Machado e a História: Interfaces  
Profa. Dra. Luciana Coronel - Centro Universitário Metodista IPA  
Local: Sala 1D106  
Horário: 14h às 18h30min

CONFIRA A VERSÃO ELETRÔNICA DA  
IHU ON-LINE  
WWW.UNISINOS.BR/IHU

## Guimarães Rosa, um amante do saber

A literatura rosiana é filosófica, afirma Luiz Rohden

POR ANDRÉ DICK E PATRÍCIA FACHIN

**P**ara o professor Luiz Rohden, a metafísica da língua de Guimarães Rosa “expressa a vida que não se deixa açambarcar pela razão pura nem pela lógica matemática, mas recorre à intuição, à inspiração ‘sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão’”. Segundo ele, trata-se de uma linguagem que articula elementos realistas com irracionais, literais com metafóricos. *Grande sertão: veredas* é um romance metafísico porque tenta “explicitar a vida de modo totalizante e é tramada por uma totalidade movente onde o particular e o universal, o divino e o humano, o jagunço e o doutor se encontram e instauram uma terceira realidade, uma nova meta-realidade”, define.

Rohden é graduado em Filosofia, pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte, e mestre e doutor na mesma área, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente do curso e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos, ele também é editor da revista *Filosofia Unisinos*. Confira a seguir a entrevista concedida à Revista IHU On-Line, por e-mail.

**IHU On-Line - Na sua visão, como se desenha uma aproximação de Guimarães Rosa com o conceito de metafísica, por meio da relação entre seus personagens (num romance como *Grande sertão: veredas*) e do sertão no qual vivem?**

**Luiz Rohden** - Em entrevista concedida a G. Lorenz,<sup>1</sup> Guimarães declarou: “considero a língua como meu elemento metafísico [...] o aspecto metafísico da língua, que faz com que minha linguagem antes de tudo seja minha [...] isto provém do que eu denomino a metafísica da minha linguagem, pois esta deve ser a língua da metafísica”. Estas expressões retratam uma concepção própria de metafísica desenvolvida por ele que pode ser sintetizada na pretensão de Riobaldo, no *Grande sertão: veredas*: “eu queria decifrar as coisas que são importantes”.

Seu labor literário é metafísico à

<sup>1</sup> Trata-se de entrevista concedida por Guimarães Rosa ao estudioso alemão Günther Lorenz em 1965. Para maiores detalhes, conferir Literatura deve ser vida: Diálogo de Günther W. Lorenz com João Guimarães Rosa. Minas Gerais: *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, n. 395, 23 mar. 1974, p. 8 a 13. (Nota da IHU On-Line)

medida que os seus livros eram, como ele mesmo dizia, “simples tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, que é a chamada ‘realidade’, que é a gente mesmo, o mundo, a vida”, espelhado na clássica questão da metafísica tradicional “o que é o ser?”. Sua metafísica da língua expressa a vida que não se deixa açambarcar pela razão pura nem pela lógica matemática, mas recorre à intuição, à inspiração “sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana”. Trata-se de uma linguagem metafísica que articula, conjunta e coerentemente, elementos realistas com irracionais, literais com metafóricos, de modo que nela não reina mais a lógica binária, dualista, mas a lógica do terceiro intuído e incluído.

*Grande sertão: veredas* constitui uma trama metafísica, pois nele Riobaldo narra sua vida, mas espelha e ecoa o humano, porque o objeto em questão é universal, retratado em temas como amor e ódio, vida e morte, tempo cíclico e tempo linear. Trata-se

de uma metafísica porque procura, na verdade, explicitar a vida de modo totalizante e é tramada por uma totalidade movente onde o particular e o universal, o divino e o humano, o jagunço e o doutor se encontram e instauram uma terceira realidade, uma nova meta-realidade que não é captável para tipos como João Bexiguento, mas apenas para aqueles que se ocupam em decifrar as coisas que, de fato, são importantes e pelas quais vale a pena viver.

**IHU On-Line - É possível entender alguns elementos do Brasil a partir das narrativas de Rosa? Como aparecem, nelas, as figuras do jagunço, do homem do interior do país, com sua linguagem e costumes, além das lendas, do folclore, de um universo também fantástico?**

**Luiz Rohden** - Claro. A própria formação da identidade do Brasil e do brasileiro pode ser rastreada em sua obra à medida que retrata e reflete sobre os conflitos entre a cidade e o sertão, entre a civilização e o dito atraso, entre o doutor e os jagunços. Estas polaridades são tomadas e refletidas em

**“Neste sentido, se quisermos encontrar um paralelismo na história da filosofia podemos detectar na obra rosiana aquilo que se convencionou chamar de filosofia existencial – onde o ser só pode ser compreendido enquanto ser-no-mundo –, colocando-se na esteira dos filósofos e das correntes filosóficas que se insurgiram contra as perspectivas totalitárias, vazias e dogmáticas”**

sua obra segundo o viés da dialética dialógica sem que haja supremacia de um ou de outro dos pólos.

Além disso, os protagonistas – ou heróis que são uma espécie de anti-heróis – na obra de Rosa são os simples, os cegos, os pobres, os loucos, as mulheres, os jagunços, as crianças, aqueles que possuem vez e voz.

Retomando os costumes, as lendas, o folclore, Rosa reflete sobre os conflitos morais do Sertão. Embora não faça ciência da moral, o caminho reflexivo sobre ética em Rosa se faz mediante a linguagem, a estética, a narrativa sem a pretensão de elaborar conceitos e imperativos universais como Aristóteles ou Kant. Neste sentido, é no solo sertanejo das gerais, conservando suas minas míticas, poéticas, culturais, que a literatura rosiana explicita questões morais de cunho universal. A título de exemplo, veja-se o conto “Famigerado”, no qual, por um lado, o famoso Damázio trocou as armas pelo uso da linguagem para pautar sua ação; e o doutor, sob a égide do Princípio da Caridade, soube realizar, com ele, uma hermenêutica da sua vida.

**IHU On-Line - O senhor afirma que a obra de Guimarães Rosa “carrega um modo de filosofar, de tal maneira, que os horizontes entre a filosofia e a literatura parecem por vezes se diluir”. Como essas duas Ciências se entrelaçam na obra do autor? Po-**

**demos dizer que Guimarães também era um “filósofo”?**

**Luiz Rohden** - Partindo do fato de que a filosofia se propõe a discutir temas universais: bem-mal, amor-ódio, parte-todo, vida-morte, e ‘palavreálos’, traduzi-los em linguagem, nós podemos dizer que a literatura rosiana é filosófica. Talvez a diferença mínima seja de que no primeiro caso, de modo geral, há uma preocupação em elevar aqueles temas e suas reflexões ao nível de uma conceitualização e sistematização discursiva, ao passo que no segundo caso aqueles mesmos temas são elevados ao real através de imagens, de metáforas, mas que nem por isso perdem o caráter de universalidade que os torna comuns. Eu ousaria dizer, inclusive, que a filosofia de Rosa espelha-se nos diálogos platônicos, nas confissões agostinianas, no poema de Parmênides, nos aforismos de Heráclito,<sup>2</sup> nos ensaios de Montaigne<sup>3</sup> e distancia-se dos tra-

<sup>2</sup> Heráclito de Éfeso (540 a. C.-470 a. C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematiza a questão do devir (mudança). (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592): escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente nos seus *Ensaíes*, analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. É considerado um céptico e humanista. Escreveu um capítulo chamado “Dos canibais”, que continua sendo uma das mais belas páginas do encontro da cultura europeia com os nativos do Novo Mundo. O capítulo pode ser conferido em *Ensaíes. Livro I* (São Paulo: Martins Fontes,

tados lógico-analíticos que expulsam do seu bojo a poesia, o mito, a vida em sua mobilidade. Assim, se compreendemos por filósofo um amante apaixonado pelo saber, pela compreensão da vida, do mundo – e não um profissional ou burocrata do saber ou um retórico manipulador de palavras e de poder –, podemos dizer que ele o foi sem dúvida.

**IHU On-Line - Como podemos compreender o “filósofo” que habitava a figura de Guimarães Rosa?**

**Luiz Rohden** - Como em todo processo, é preciso lê-lo, conhecê-lo para compreendê-lo. É necessário romper a imagem de um autor difícil, pois sua proposta literária consistiu em compreender e explicitar em palavras – “eu sei o nome das coisas” – o sentido originário das coisas, da vida, do mundo por meio da linguagem narrativa. O filósofo Rosa se revela a nós quando nos chama a atenção para o fato de que “vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes”.

**IHU On-Line - Que aspectos filosóficos se sobressaem na obra de Guimarães Rosa, principalmente no conto “O espelho”?**

**Luiz Rohden** - Eu não teria dúvida em afirmar que este conto poderia ter como subtítulo ou ser descrito como “um breve e agradável, mas nem por isso menos profundo, tratado sobre a alma ou constituição da subjetividade ou da identidade humana” espelhada numa das suas afirmações: “Se sim, a ‘vida’ consiste nesta experiência extrema e séria; sua técnica – ou pelo menos parte – exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra?”.

Neste sentido, se quisermos encontrar um paralelismo na história da filosofia podemos detectar na obra rosiana aquilo que se convencionou chamar de filosofia existencial – onde o ser só pode ser compreendido enquanto ser-no-mundo –, colocando-se na esteira dos filósofos e das correntes filosóficas que se insurgiram contra as perspecti-

(2000), traduzido por Rosemary Costhek Abilio. (Nota da IHU On-Line)

vas totalitárias, vazias e dogmáticas. Na esteira de uma filosofia “humanista” Rosa, enquanto escritor, estava identificado e preocupado com o destino do próprio homem tematizado em conceitos filosóficos como narração, existência, experiência. É por isso que sua obra faz uma constante crítica ao reducionismo do conhecimento humano ao plano da consciência ou da abstração vazia. Em sua literatura filosófica, deságuam rios de todos os lados, do oriente ao ocidente, das concepções mítico-religiosas até as experiências religiosas dos indígenas e sertanejos do interior de Minas.

**IHU On-Line - Que questionamentos filosóficos são lançados por Guimarães Rosa? Como suas indagações nos fazem repensar a sociedade brasileira e questões centrais da vida humana?**

**Luiz Rohden** - Podemos dizer que seu cuidado para com a linguagem constitui uma autêntica terapia da linguagem nos moldes de Wittgenstein.<sup>4</sup> Neste sentido, a linguagem é o *medium* no qual questões antropológicas, éticas e políticas são postas em questão de modo que o universal concreto é explicitado em sua obra. Na minha opinião, *Grande sertão: veredas* é um romance metafísico na medida que nele o todo e a parte, o universal e o particular, o uno e o múltiplo encontram-se tematizados e entrelaçados já no próprio título. E não se confunda metafísico com metaempírico. Um questionamento autenticamente metafísico, filosófico, é aquele no qual aquele que pergunta põe-se em questão ao perguntar sobre um objeto investigado [Deus, alma, mundo, natureza], ou seja, suas reflexões ecoam e procuram dar uma resposta às suas questões, angústias e anseios.

**IHU On-Line - De que maneira figu-**

<sup>4</sup> Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, contribuiu com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem e epistemologia. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas idéias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russell e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). (Nota da IHU On-Line)

## “Retomando os costumes, as lendas, o folclore, Rosa reflete sobre os conflitos morais do Sertão”

ras como Plotino, Santo Agostinho, Kierkegaard exerceram influência na produção literária e filosófica de Guimarães Rosa?

**Luiz Rohden** - Ao atribuir o valor dos componentes da sua obra, ele conferiu a mais alta cotação – quatro pontos – ao traço *metafísico-religioso*, contra três pontos para a poesia, dois para o enredo e um para o cenário e realidade sertaneja. Concordo com a opinião de Benedito Nunes,<sup>5</sup> para quem “o neoplatonismo é apenas uma rubrica genérica da visão do mundo de Guimarães Rosa. Designaria o vislumbre da transcendência para além e dentro da alma – o ‘quem das coisas’ ou da ‘sobre coisa’ na experiência comum – o despontar das afinidades secretas entre seres, o aceno de conversão do homem a si mesmo”. Na verdade, ele assumiu o neoplatonismo, “em sua fonte primeira – Plotino,<sup>6</sup> qual “nega

<sup>5</sup> Benedito Nunes: autor de estudos sobre Mário Faustino e Clarice Lispector e de uma vasta obra, estudioso dos pensadores alemães, sobretudo de Kant, Heidegger e Nietzsche. Suas análises procuram transitar nas fronteiras entre o devaneio criador e a análise conceitual. É nesse sentido que a recepção de Benedito Nunes propõe uma dimensão lírica-existencial-crítica, única no ensaísmo brasileiro. Discute a tradição clássica em que a literatura e a filosofia estão interligadas, ora de maneira litigiosa, ora passivamente. Mostra a inseparabilidade dos princípios metafísicos com os poéticos e explica como é legitimado o diálogo. O filósofo, crítico e escritor foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará. Autor de *O mundo de Clarice Lispector* (São Paulo: Ática, 1966), *Oswald canibal* (São Paulo: Perspectiva, 1979) e *Crivo de papel* (São Paulo: Ática, 1999). (Nota da IHU On-Line).

<sup>6</sup> Plotino (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabele-

o curso fatal do Destino como encadeamento causal necessário (influência dos astros ou de demônios) de agentes exteriores” tematizado na experiência do pacto de Riobaldo.

Os estádios estético, ético e religioso encontram-se e constituem o texto rosiano. Na esteira do pensador dinamarquês,<sup>7</sup> Rosa foi um crítico impiedoso de sistemas filosóficos vazios, destituídos de sangue e de vida, e defensor de um modo de pensar em que vida e linguagem, prática e teoria precisam ser conjugadas no mesmo tempo. Além disso, deles ele incorporou em sua literatura o fato de que há realidades que a razão não capta e para as quais são necessárias outras antenas e uma linguagem apropriada, no caso, poético-mítica.

### EVENTO

Seminário Nacional de Literatura: Machado e Rosa  
 Minicurso: Filosofia nas veredas da literatura ro-  
 seana  
 Prof. Dr. Luiz Rohden - Unisinos  
 Dia 30-09-2008  
 Horário: 14h às 18h30min  
 Local: Sala 1D107

### LEIA MAIS...

>> Luiz Rohden já participou de outra edição da IHU On-Line. Confira a entrevista no site do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).  
 Entrevista:  
 \* Gadamer: alegre, simpático e simples. Edição nº 09, *Nosso adeus a Hans-George Gadamer*, de 18-03-2002.

leceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos gupos de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da IHU On-Line)

<sup>7</sup> Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Kierkegaard negou a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O conceito de ironia* (1841), *Temor e tremor* (1843) e *O desespero humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista Paulo e Kierkegaard, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição nº 175, de 10-04-2006, da IHU On-Line. (Nota da IHU On-Line)

## Uma carta a Guimarães Rosa

Convidado para participar desta edição especial da IHU On-Line sobre as obras de Guimarães Rosa e Machado de Assis, Marcus Alexandre Motta, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), apresenta, no texto a seguir, sob a forma de carta escrita a Guimarães Rosa, o pensamento elaborado a partir da fala de Riobaldo, o jagunço narrador de *Grande sertão: veredas*, obra-prima do escritor mineiro.

Motta é graduado em História, pela Universidade Santa Úrsula, do Rio de Janeiro, mestre em História, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e doutor em História, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Entre suas obras, destacamos *Desempenho da leitura – Sete ensaios de Literatura Portuguesa* (Rio de Janeiro: Sette Letras, 2004). Marcus Motta já participou de outras edições da IHU On-Line. Ele já concedeu outras entrevistas que podem ser acessadas no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), *Antônio Vieira: um jesuíta milenarista*, edição nº 196, intitulada *A globalização e os jesuítas*, de 18-09-2006, e *Conversando com Vieira*, edição nº 244, *Antônio Vieira. Imperador da Língua Portuguesa*, de 19-11-2007.

19 de setembro de 2008

Amigo Rosa,

Eu me havia esquecido de mencionar no telefonema anterior algumas frases que sempre me põem em arrepios. Logo que coloquei o telefone no gancho, reparei que não havia tratado deste assunto com você. Sei que não me disse nada quando telefonei; porém pouco importa. Escrevo para perguntar qual seria a sua opinião sobre algo que penso acerca de algumas falas do Riobaldo.

Mas antes devo mencionar que ainda não descobri o porquê de não creditarem a você o título de pensador de uma terra ainda nova. Em suas viagens ao sertão das Minas Gerais, encontrou a língua da aventura, o nosso português, ainda a nominar as coisas e os acontecimentos. Não sei mesmo qual é o motivo de não enxergarem, em *Grande sertão: veredas*, essa tarefa filosófica. Será que não conseguem admitir que a aventura filosófica seja herdada pela literatura, aqui neste lado do Atlântico? Não percebem que contar, o verbo da aurora do pensamento, seja, no livro, o valor e o alcance das suas linhas?

Irritante, não? Mas deixemos todos descasarem nas suas redes de eficácia, sonhando com buquês de realidade. Tentei falar sobre isso quando liguei. Mas só ouvi a minha respiração ressoando no aparelho.

Não perderei tempo, pois é de assunto decorrente que quero tratar com você. Em certo momento, Riobaldo declara, se não me falha a memória: “eu atravesso as coisas - e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada.”

Riobaldo atravessa “as coisas”. Isso é magnífico! Percebo de imediato que ele atravessa; logo, não as conhece, por ser incapaz de medir suas resistências. Apresento tal raciocínio porque não consigo compreender a idéia de conhecimento sem pressupor a noção de resistência. A sensação é a de que só conhecemos o que nos resiste. Será que você está de acordo? Mas isso me leva a perceber que Riobaldo atravessa “as coisas” por ser capaz de reconhecê-las como coisas percorridas.

Fiquei a meditar sobre essa frase muitas vezes. Guimarães, fico sempre me sentindo um imbecil quando quero compre-

endê-la. É por este motivo que escrevo esta carta. Deve estar pigarriando após sorrir na confortável poltrona de couro preta.

Mas vamos lá, o correio se apressa ante a lerda escrita. Se Riobaldo as atravessa, o faz dizendo: *no meio da travessia não vejo!* Penso que o *não vejo!* apresenta-se reconhecendo um vazão que se atravessa, *as coisas*. As coisas, algo vazias, algo sem resistência, é um tipo de trama da *idéia dos lugares de saída e de chegada*. Até aqui vai, não é?

Mas Riobaldo diz antes disso: *só estava era entretido...* Entretido?! Tal palavra me faz pensar. Agora quase o vejo se deliciar, como se dissesse: *aonde ele quer chegar?* Não consigo deixar de refletir que você tenha nos colocado um problema, qual seja: o de que estamos a viver um acontecimento permeado de transe de divertimento quando contamos ou nos contamos.

Isso quer dizer — espero que não tenha deixado já a carta de lado e foi caminhar; se pensou nisso, espere. Isso quer dizer que, na minha mente, você descobriu ser a verdade impotente como razão das coisas, nesse chão imaturo e vasto. Será que você vai concordar com esse pensamento? Se estiver atento às linhas que escrevo com total admiração, aceite essa minha exclamação: Rosa, você descobriu que a verdade, aqui, é uma modalidade de sentimento!

Uma modalidade de sentimento, sim! Agora deve estar dando atenção ao que escrevo, será? Modalidade de sentimento do *eu atravesso as coisas*, de Riobaldo. E, se assim for, torna-se útil para cada um de nós, brasileiros, compreender que o *eu atravesso as coisas* esteja beirando o modo de agir comum dos homens nessa terra ainda nova, confeccionando a nossa história natural fictícia.

Sei que estou a filosofar, mas não consigo me impedir de ver que você fez o mesmo quando escreveu o *Grande sertão: veredas*. Se as nossas vidas são um *atravessar as coisas*, como Riobaldo ensina, é porque qualquer um vive as coisas, aqui, atravessando-as; algo bastante próprio a uma modalidade de sentimento, aceita?

Quero registrar que se outros me lessem, agora, me tomariam com louco e não acreditariam que eu posso estar escrevendo isso para você. Mas eles não crêem em fantasmas. Eu sim, e em todas as suas fantasmagorias. Continuo. Para piorar, Riobaldo fala: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para gente é no meio da travessia”. Bem, no *meio da travessia* era o que na sua fala anterior o *não vejo* se apalavrava.

É, e ainda não querem dar a você o título de pensador de nossa terra ainda nova. Deixemos de lado os outros, eles são cansativos com as suas certezas. Quando leio aquela fala de Riobaldo, percebo (tomara que aprove) que ele, ou você, quem sabe, está nos dando uma pista de que o real é compreendido na ação da consciência quando vive o sentimento de atravessar.

É fabuloso! Se o real só se *dispõe para gente no meio da travessia*, é possível pensar que nada se pode obter dele que o faça ser conhecido. Melhor: o único conhecimento que se tem dele é, prontamente, o *não vejo!* Mas isso é reconhecê-lo, destituin-

do-o de esclarecimento e sentindo-o.

Devo comentar, antes de prosseguir, que é quase possível que você não tenha sido lido com a atenção merecida. Como não houve ninguém, até agora, e não falo de mim, interessado em tomar suas linhas e criar uma bela e rigorosa teoria sobre a nossa cultura?

Sei que não dá confiança para isso, é um artista e, logo, ri dos que não fazem, pois fez. Em outro momento, Riobaldo aclimata: “Sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”. Inacreditável frase. De alguma maneira percebo que você está nos ensinando que o *pensamento*, nessa terra moça e vasta, evita acordar com qualquer limite. Penso que você fez Riobaldo falar que nenhuma limitação é possível ao *pensamento*, pois lhe falta a trama singular que o *lugar* opera.

Está cansado. Levante os olhos e descanse o nariz dos seus pesados óculos, pois vou continuar. Depois, rasgue a carta com desprezo ou zelo por mim. Quer dizer que você poderia ter pensado que nesse nosso solo o *lugar* é um elemento com *poder* menor que o *pensamento*? Isso seria ótimo, se assim pudesse ser e aprendêssemos.

Em outro momento, Riobaldo fala *que o sertão está em toda parte*. Como foi possível a você descobrir a lei formal de nossa cultura? Penso nela sempre. Só chego à seguinte reflexão: a razão é porque o *sertão* se faz surgir sem capturar o *lugar* de sua sombra. Vou melhorar o raciocínio. Tal condição expressa ser o *sertão* o desatino da própria imagem; ou seja: suas coordenadas são as mesmas do *pensamento*, parindo-se para incorporar qualquer *idéia dos lugares de saída e de chegada e atravessando as coisas*.

Dessa você vai gostar, caso não, faça o que deve fazer, rasgue. Ora, o *Grande sertão: veredas* é o contar, tornado balanço do que se conta na aflição sentimental do vazio que se atravessa, sagrando a *travessia do pensamento* numa terra ainda nova. Algo como trabalhar as potências do contar em vão. Ali, aqui é mais correto, onde repousa a aurora do *pensamento*, na qual o contar ganha um infinitivo geral do conhecimento no sertão de todas as partes, o reconhecer apenas e só é a nossa modalidade de pensamento: *eu atravesso as coisas*.

Não vou demorar mais. O que tenho a dizer foi dito. Outras cartas escreverei. Mas prefiro telefonar para você, mesmo que não me atenda e nunca fale. Sinto a nossa distância. Eu aqui a reclamar que ninguém quis herdar a sua tarefa. Pressinto que estará um pouco irritado pela comum idéia sobre o seu livro. Confio que não esteja comigo, após ler essa carta.

Gostaria de me dirigir a você de maneira mais direta, sem apelar para distância. Mas como ainda não me é possível, recebo um fundo da leve tristeza do entardecer. Creio até que foi nessa hora do dia que Riobaldo conta.

Gostaria de chegar próximo de você. Chegar e caminhar ao seu lado sem falar, apenas atuando na cena desta proximidade. De qualquer forma, aqui estão as minhas palavras. Algo como uma promessa de me manter lendo.

Atenciosa e abusivamente, rasgue.

Marcus Alexandre Motta

## O cinema não consegue se aproximar da genialidade de Machado

Para o jornalista Cesar Zamberlan, o cinema teme enfrentar os recursos explorados, na literatura, por Machado

POR ANDRÉ DICK E PATRÍCIA FACHIN

Uma referência indiscutível para a literatura, Machado de Assis “usa alguns expedientes estilísticos que são muito comuns no cinema”, mas não pode ser considerado um referencial para a produção cinematográfica, afirma o jornalista Cesar Zamberlan, por e-mail. Ao justificar sua opinião, Zamberlan é enfático: “Não é fácil adaptar Machado”. Segundo ele, a estrutura dos capítulos de alguns livros machadianos é bastante cinematográfica. No entanto, esclarece, “essa proximidade torna a adaptação de Machado para o cinema mais difícil, porque os cineastas de modo geral buscam uma estrutura narrativa menos complexa, com um narrador mais assimilável”.

Graduado em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero, em Letras, pela Universidade de São Paulo, e mestre em Literatura Brasileira, pela mesma universidade, Zamberlan é docente da Faculdade Integração Zona Oeste (FIZO), São Paulo.

### IHU On-Line - Há fidelidade na transposição de contos e romances de Machado para o cinema?

**Cesar Zamberlan** - Diria que não, porque a fidelidade na transposição de uma obra literária para o cinema é algo impossível, são meios diferentes com linguagens diferentes. Poderíamos pensar, e acho que é esse o sentido da sua pergunta, em pontos de contato entre a obra literária e a adaptação, e, nesse caso, em se tratando de Machado de Assis, a questão é bem mais complexa pela forma como os contos e romances de Machado estão estruturados. Alguns recursos estilísticos comuns na obra de Machado de Assis, sobretudo os relacionados ao ponto de vista narrativo, caso do narrador intruso que costuma fazer comentários digressivos sobre o objeto narrado, não encontram um equivalente fílmico imediato. Adaptar Machado sem levar em consideração esse narrador faz com que a leitura — e a transposição nada mais é que uma leitura — se dê no nível mais superficial do texto, sem penetrar no texto, na ironia e no retrato que o escritor constrói sobre a época em que viveu. Acho que um exem-

plo dessa leitura mais rasa, superficial e falsamente didática, é a adaptação que Klotzel<sup>1</sup> fez de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Em contrapartida, temos a adaptação do Bressane<sup>2</sup> para o mesmo livro. Ela busca, com muito sucesso uma leitura mais complexa e com mais pontos de contato com o livro. Bressane diz algo sensacional a esse respeito. Para ele, Klotzel leu *Brás Cubas* e Bressane leu o Machado. Concordo inteiramente com ele e penso que para adaptar Machado com sucesso é preciso entender o que faz Machado de Assis um escritor tão genial, é preciso dialogar com ele. E para isso é necessário estar disposto a um mergulho mais profundo, é necessário ter um projeto mais amplo e mais

pensado. Quem melhor fez isso até hoje foram Bressane, Sérgio Bianchi<sup>3</sup> e Nelson Pereira dos Santos.<sup>4</sup> No mais, as outras adaptações de Machado de Assis para o cinema são bem pouco estimulantes.

### IHU On-Line - As obras de Machado de Assis costumam trazer capítulos rápidos, fragmentados. Na sua opinião, isso cria uma maior adequação para elas serem transpostas ao universo cinematográfico?

**Cesar Zamberlan** - Essa fragmentação é mais presente em *Memórias póstumas*, e o próprio Bressane que adaptou o livro declarou que o achava bastante cinematográfico na sua estrutura. De certo modo, Machado de Assis usa alguns expedientes estilísticos que são muito comuns no cinema e fez isso antes da invenção o cine-

1 André Klotzel (1954): diretor, roteirista, produtor e editor cinematográfico brasileiro. Estudou cinema na Universidade de São Paulo (USP), e trabalhou em mais de uma dezena de longas até dirigir seu primeiro filme *A marvada carne*. Em 1983, fundou com alguns colegas a produtora Superfilmes, da qual foi sócio até 2001. (Nota da IHU On-Line)

2 Júlio Eduardo Bressane de Azevedo (1946): cineasta brasileiro. De sua produção, destacamos *Matou a família* e foi ao cinema (1969), *Brás Cubas* (1985) e *Os Sermões - A história de Antônio Vieira* (1989). (Nota da IHU On-Line)

3 Sérgio Luís Bianchi (1945): cineasta brasileiro. De sua filmografia, destacamos *Quanto vale ou é por quilo?* (2004). (Nota da IHU On-Line)

4 Nelson Pereira dos Santos (1928): diretor de cinema brasileiro, um dos precursores do Cinema Novo. De sua produção, destacamos *Rio, 40 graus* (1955), *Vidas secas* (1963), *Memórias do cárcere* (1984) e *A terceira margem do rio* (1994). (Nota da IHU On-Line)

ma. Um dos seus biógrafos, o Magalhães Jr.,<sup>5</sup> escreveu em 1958, ano do cinquentenário da morte de Machado de Assis, que Machado tinha uma “intuição cinematográfica”. A idéia logo motivou uma réplica do Paulo Emílio Salles Gomes, que escreveu que isso ocorria porque a linguagem literária iria servir de base para a linguagem cinematográfica, então nada mais natural que alguns expedientes sejam comuns, caso dos flashbacks, elipses etc. Acho bastante cinematográfico em Machado, com o perdão do anacronismo, a forma como ele estrutura os capítulos de alguns livros e como trabalha a questão temporal. Porém, por outro lado, e isso pode parecer bem paradoxal, acho que essa proximidade torna a adaptação de Machado para o cinema mais difícil, porque os cineastas de modo geral buscam uma estrutura narrativa menos complexa, com um narrador mais assimilável. Já os narradores machadianos são complicadíssimos, ferem, por exemplo, o ilusionismo, que é caro ao cinema, ao falarem diretamente ao leitor, expondo de maneira engenhosa e muitas vezes envenenada os rumos da narração. Resumindo, em termos narrativos, Machado explora recursos que o cinema, de modo geral, teme em enfrentar. E, se você o transpõe para o cinema sem levar isso em conta, não vai conseguir se aproximar da genialidade dele.

#### **IHU On-Line - Como o senhor percebe as adaptações das obras de Machado para a televisão, como telenovelas e minisséries? Há diferenças se comparadas ao cinema?**

**Cesar Zamberlan** - Uma novela ou uma minissérie dura mais que as duas horas em média do filme, o que possibilita um enfrentamento maior dos episódios do livro. Fora isso, a TV chega a uma massa que raramente o cinema atinge, e isso para uma maior popularização da obra é muito positivo. No caso de Machado, tanto *Helena* quanto *laiá Garcia*, romances da

primeira fase, foram adaptados como novela. *Helena* em 1952 na TV Paulista, em 1975 pela TV Globo e em 1987 como minissérie de 20 capítulos na TV Manchete. Já *laiá*, em 1953 pela TV Paulista e depois em 1982 pela TV Cultura como parte da série “Tele-Romance”. Agora, teremos a adaptação de *Dom Casmurro* como minissérie pela TV Globo com direção do Luiz Fernando Carvalho,<sup>6</sup> que tem um trabalho de adaptação – termo, aliás, que ele odeia – bem interessante, vide *Os Maias* e *A pedra do reino*. Acho muito positivo esse diálogo entre literatura e TV, e lamento que ele seja ainda muito pequeno. Tenho certeza que muita gente vai voltar a Machado e a *Dom Casmurro* depois que a minissérie for exibida, isso é muito importante.

#### **IHU On-Line - Que aspectos das obras machadianas são ressaltados no cinema? Podemos dizer que, por meio da adaptação cinematográfica, elas revelam aspectos ligados a qualquer época e não apenas a fatos ambientados à época em que os romances foram escritos, como no caso do filme *Dom*?**

**Cesar Zamberlan** - Difícil falar sobre *Dom*, o filme tem muito pouco a ver com a obra de Machado de Assis e tem pretensões outras que estabelecer um diálogo com a obra. O diretor transpõe a questão do suposto adultério de *Dom Casmurro* para os dias atuais, brincando com os nomes dos personagens e usando o livro, ou a leitura mais simplória que se faz dele, como pano de fundo. O filme é livremente inspirado no livro, não mais que isso, e não deve ser levado em conta se queremos discutir a obra de Machado de Assis no cinema.

Quanto aos aspectos das obras machadianas ressaltados no cinema, acho que Bianchi trabalha com o Machado crítico das relações sociais e conseguiu, no *Quanto vale ou é por quilo?*, fazer uma leitura e releitura atualizada muito interessante do conto “Pai contra mãe”. Ele já tinha feito isso antes com o conto “A causa secreta”,

que originou o filme homônimo. Outro que conseguiu transpor Machado com propriedade foi Nelson Pereira dos Santos quando adaptou *O alienista* para discutir o Brasil na época da ditadura militar. Nelson, que é gênio e dialoga muito bem com a literatura brasileira no seu cinema, afirmou que aqueles personagens eram porta-vozes do pensamento de uma época, que sofreu alteração apenas exteriormente, mas cuja estruturalmente permaneceu a mesma e que, por isso, *O alienista* era quase um conto de antecipação. Ou seja, ele ressalta, e o filme também, esse caráter antecipatório e visionário da obra de Machado. Nesse sentido, respondo também a sua segunda pergunta, pois esses três filmes citados mostram um Brasil atual que ainda é muito machadiano. Para terminar, acho justo voltar a citar Bresane, pois ele é ainda hoje quem mais soube brincar com o texto machadiano, promovendo um diálogo muito interessante.

#### **IHU On-Line - Quais os principais desafios de adaptar uma obra literária para o cinema?**

**Cesar Zamberlan** - Essa é uma pergunta complicada, mas acho que o principal desafio está no tipo de relação ou enfrentamento que o cineasta vai ter com a obra. É necessário ler o livro como um filme e ver como essa transposição, transcrição ou apropriação é possível sem se esquecer que as linguagens são diferentes e que a dita fidelidade é impossível. Acho que o principal desafio está na transformação do filme num projeto cinematográfico que dê conta de um outro projeto artístico, o do escritor. E, quando falo em dar conta, não é, como já frisei ser fiel, mas estabelecer pontos de contato, estéticos ou ideológicos que permitam a aproximação e a relação entre a palavra do escritor e a imagem do cineasta, pois, como já frisou José Carlos Avellar, a palavra é o chão da imagem.

#### **IHU On-Line - Machado de Assis é uma referência para a literatura brasileira. Podemos dizer que ele também se consolidou como uma referência para o cinema?**

<sup>5</sup> Raimundo Magalhães Júnior (1907-1981): jornalista, biógrafo e teatrólogo, imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL). Escreveu, entre outros, *Idéias e imagens de Machado de Assis* (1956), *Machado de Assis, funcionário público* (1958), *Machado de Assis desconhecido* (1955) e *Ao redor de Machado de Assis* (1958). (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Luiz Fernando Carvalho de Almeida (1960): cineasta e diretor de televisão brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

Cesar Zamberlan - Machado é uma referência para o Brasil, para entender o Brasil do segundo reinado e para entender o Brasil de hoje, afinal um está no outro. Acho que Machado não é uma referência para o cinema brasileiro porque não é fácil adaptá-lo, tanto que ele é o nosso maior escritor, com uma obra extensa, e foi adaptado poucas vezes, ainda que paradoxalmente seu texto seja bastante cinematográfico. Nosso maior cineasta, Glauber Rocha,<sup>7</sup> por exemplo, odiava Machado. Dizia que Machado era uma m...; as reticências são do próprio Glauber. O projeto estético e ideológico de Machado davam, e dão, conta de um outro Brasil que não interessava muito a Glauber e ao cinema novo, com exceção a Nelson Pereira, se é que ele fez parte do Cinema Novo. O diálogo deles era mais com a literatura pós Semana de 22,<sup>8</sup> com a ruptura estética que esta promovia e com engajamento político que surge na literatura após a década de 30 com o ciclo do engenho e da seca. Acho que a referência literária do cinema brasileiro é essa, a do modernismo pós Semana de 22. Machado ainda precisa ser lido.

#### LEIA MAIS...

Seminário Nacional de Literatura: Machado e Rosa  
 Minicurso: Machado de Assis e o Cinema  
 Jornalista Cesar Zamberlan  
 Local: Sala 1D106  
 Dia 02-10-2008  
 Horário: 14h às 18h30min

**7 Glauber de Andrade Rocha (1939-1981):** cineasta brasileiro, ator e escritor. De sua filmografia, destacamos *Deus e o Diabo na terra do sol* (1963) e *Terra em transe* (1967). (Nota da IHU On-Line)

**8 Semana de Arte Moderna (Semana de 22):** ocorreu em São Paulo em 1922, de 11 a 18 de fevereiro no Teatro Municipal de São Paulo. Foram expostos quadros e artes consideradas modernistas em relação a época. Representou uma verdadeira renovação de linguagem, na busca de experimentação, na liberdade criadora na ruptura com o passado e até corporal, pois a arte passou então da vanguarda para o modernismo. Participaram da Semana de 22 Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Victor Brecheret, Anita Malfatti, Menotti Del Pichia, entre outros. (Nota da IHU On-Line)

## Rosa e Rulfo: conto e expressão de uma América nova

POR LEONARDO VIEIRA DE ALMEIDA\*

O conto seria o maior, ou ainda, o modo de dizer a maioria de americana. Com a descoberta de Colombo, a América é pela primeira vez inventada, escrevem-se suas estórias primeiras. A forma dos diários resume cada fragmento dos dias do descobridor ousando a nomeação do jamais visto.

Mas a imagem “nova” que se quer ampara-se nas “velhas” leituras. O *Il milione* de Marco Polo,<sup>1</sup> os romances de cavalaria, os mitos greco-romanos buscam o Oriente. E, se o livro do nascimento do sonho América é o “erro” da terra de Khan, esse olhar maravilhado sobre a ilusão ou vastidão do continente toca o inabordável por uma arte de tapeceiro. Em seus fios cardam-se sereias e centauros, as Ilhas Bem-Aventuradas e a Árvore da Vida, Cipango e Avalon. Mas não pelo ponto mais vasto, e sim pelo pousar menor do apanhador de impressões. Pois o olhar assombrado torna-se humilde, sussurra antes que escandaliza.

Esta arte se perdeu. Outros descobridores, Cabeza de Vaca, Bernal Díaz del Castillo, Hernán Cortez<sup>2</sup> oram cavaleiros espantados. Este último, num escrito a Carlos V,<sup>3</sup> diz não ter palavras para “traduzir” a grandeza inaudita: Tenochtlán. No entanto, se suas cartas atestam a insuficiência da língua para contar, dizem assim mesmo o impossível. Advindo a conquista, o massacre das civilizações pré-colombianas, provêm as colônias e a escravidão. O olhar maravilhado sobre o outro irá progressivamente se perder, mas será este mesmo outro que, sabendo-se sem maravilha, portanto menor em relação à metrópole, se sentirá como o artesão ressentido. Busca exprimir sua derrota pela construção da mais vasta catedral, exalta a grandeza do território por uma “extensa arte”. O romance é a suma deste processo, o modo do homem americano defender-se, abafar seus gigantes. E esta catedral será “completa”, terá seus alicerces fundamente assentados, seus deuses serão os heróis.

Será necessário que o conto, este “guardião menor”, espere mais de três séculos para reencontrar no livro *América* sua residência. Hawthorne poderia ser o epicentro daquilo que Borges,<sup>4</sup> em arguto en-

**1 Marco Polo (1254-1324):** foi um mercador, embaixador e explorador veneziano do fim da Idade Média. Juntamente com o seu pai, Nicolau Polo, e o seu tio, Maffeo, foi um dos primeiros ocidentais a percorrer a Rota da Seda. Partiram no início de 1272 do porto de Laiassus (Layes) na Armênia. O relato detalhado das suas viagens pelo oriente, incluindo a China, foi durante muito tempo uma das poucas fontes de informação sobre a Ásia no ocidente. (Nota da IHU On-Line)

**2 Hernán Cortés Monroy Pizarro Altamirano,** primeiro marquês do Vale de Oaxaca (1485-1547): foi um conquistador e explorador espanhol. Conquistou o centro do atual território do México a favor da coroa espanhola. (Nota da IHU On-Line)

**3 Carlos de Habsburgo (1500-1558):** foi Rei de Espanha (Carlos I) e Imperador do Sacro Império Romano (Carlos V). Arquiduque de Áustria, Duque de Milão e da Duque de Suábia, conde de Flandres, foi Rei de Nápoles e Sicília como Carlos IV de 1516 a 1555, Príncipe dos Países Baixos de 1516 até abdicar em outubro de 1555 no palácio dos duques de Brabante. (Nota da IHU On-Line)

**4 Jorge Luiz Borges (1899-1986):** escritor, poeta e ensaísta argentino, mundialmente conhecido por seus contos. Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia, em narrativas fantásticas onde figuram os “delírios do racional” (Bíoy Casares), expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos. Ao mesmo tempo, Borges também abordou

saio, considera a maneira de rascunhar o enigma, sendo “Wakefield” o emblema. Poe promoverá o cataclismo. Mas se esses guardiões são a voz da América puritana, o eco de uma parúsia progressivamente adiada – *Bartleby*, de Melville, o arauto –, nas Américas de língua portuguesa e hispânica a vibração faz-se um pouco mais tardia. No Brasil, Machado de Assis inaugura com *Papéis avulsos* a universalidade, que irá ressoar em Guimarães Rosa, e intermédio de Simões Lopes Neto,<sup>5</sup> o acorde épico de Blau Nunes e Augusto Matraga. No México, cicatriz entre o norte protestante e o sul católico, Juan Rulfo,<sup>6</sup> ressecando o barroquismo próprio a um Alfonso Reyes<sup>7</sup> ou José Arreola,<sup>8</sup> compagina em *O chão em chamás* os murmúrios dos “hijos de la Malinche”, deserdados do período pré e pós revolucionário.

O que une Rosa e Rulfo? Ambos se iniciam no conto, em uma arte “menor”. Se Rulfo, dois anos depois de

a cultura dos Pampas argentinos, em contos como “A morte”, “O homem da esquina rosada” e “O sul”. Sobre Borges, confira a edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, intitulada *Jorge Luiz Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*. (Nota da IHU On-Line)

5 João Simões Lopes Neto (1865-1916): escritor gaúcho. A ele a revista IHU On-Line dedicou a edição 73, chamada *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*. O oitavo número dos *Cadernos IHU Idéias* é intitulado *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho*, de autoria da Dra. Márcia Lopes Duarte, professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. A publicação tem como base a apresentação da professora no IHU Idéias de 04-09-2003. É possível conferir sobre o autor uma entrevista concedida por Márcia na IHU On-Line número 73, de 01-09-2003. Entre as principais obras do escritor, destacamos *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913), *Casos do Romualdo* e o primeiro volume de *Terra gaúcha*, estes dois últimos surgidos muito tempo após sua morte, em 1950. (Notas da IHU On-Line)

6 Juan Rulfo (1917-1986): escritor mexicano considerado o principal precursor do chamadorealismo mágico latino-americano. Escreveu, entre outras obras, *El llano en llamas* e *Pedro Páramo*. (Nota da IHU On-Line)

7 Alfonso Reyes Ochoa (1889-1959): foi um escritor mexicano, filósofo, e diplomata. (Nota da IHU On-Line)

8 Juan Jose Arreola (1918-2001): contista, novelista, romancista, dramaturgo e ensaísta mexicano. (Nota da IHU On-Line)

## “Assim, a literatura em Rosa e Rulfo repete perguntas nunca de todo respondidas. O romance na América, em seu nascedouro até a crise do final do século XIX, talvez tenha sido a carta de submissão ao Pai, a palavra última que se chama eurocentrismo”

seu volume de contos, publica *Pedro Páramo* (1955), Guimarães Rosa, dez anos após *Sagarana*, lança ao mundo *Grande sertão: veredas* (1956). Porém, o “romance” de Rosa não quer o “titanismo” do gênero, sua estrutura maior. Enquanto forma, ele é um estado de receptividade para o menor, um conto dentro de outro conto: “Mas, qual, se viu um bicho rã brusca, feiosa: botando bolhas, que à lisa cacheavam”. Não só o conto, mas a frase, o contá-la, exerce o poder de desestabilizar o chão que se pisa, as palavras, à margem de serem habitadas, parecem nos conduzir por torta via, um porto que não chega, uma saída que não se sabe. As bolhas espalham-se na água, cacheiam, e nós, narcisos, contemplamos nossa imagem sem identidade, à espera do nome: “Nome não dá: nome recebe”, diz Riobaldo.

Assim, o nome acolhe, é uma habitação, aguarda o viajante que passa e quer acender-lhe o lume. O ponto mí-

nimo da frase, do conto, sua lâmpada votiva. Em *Luvina*, conto de Rulfo, o narrador fala ao peregrino sobre a cidade plantada no deserto: “lá no alto, coroando tudo com seu casario branco feito coroa de defunto...”. Não cabe ao nome o risco de tudo calar? Em *Pedro Páramo*, que não é senão o conto rulfiano murmurado pelo espectro mais amplo de um outro dentro do outro, outras vezes, os contos nos contam da morte, ou a morte os conta. A porta para Comala não seria assim o traçado invisível entre o qual duvidamos de nossa leitura? Juan Preciado, ao atender ao apelo da mãe, buscar o pai, descobre-se morto numa terra de mortos. Os contos, os setenta mosaicos que compõem *Pedro Páramo*, ruem no corpo do patriarca assassinado pelo filho bastardo, Abundio, “desmoronando como se fosse um montão de pedras”.

*Pedro Páramo* seria, desse modo, os contos sepultados no conto *Luvina*? Juan Preciado, ou o leitor, são chamados para o interior da meseta sob o sol a pino. Este sol aprisionado fulgura sua própria dissolução, posto no ponto mais alto. Para o navegante de Comala, o Paraíso é um fiapo de sonho, e a desolação, terra estéril na qual não acenam promessas, nutre como possibilidade o semear palavras que, ao contato com a superfície, se consomem, nem chegam a “falar”, calam-se ao fulgor do chão em chamás.

E a palavra-chama, ou o modo como o conto é gesto de resistir a um saber maior. Dirigindo-se ao interlocutor implícito, Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*, regateia: “Eu conto; o senhor me ponha ponto”. Assim, valendo-se de uma sabedoria humilde, o pensar sertão, que arde na roda dos *causos*, o conto encontra-se à mercê desta ação última, o saber, a mira do senhor que pode assassinar com um ponto – final – o re-pensar, sabendo que as estórias sem fim ou começo sobrevivem no nome América.

Juan Rulfo irá calar-se: “Eu tinha o vôo, mas cortaram minhas asas. Perdi”. Após o roteiro para cinema *O galo de ouro*, opúsculo fáustico de seten-

ta páginas, o Ícaro de Jalisco foi acolhido pelo silêncio até sua morte em 1986. Guimarães Rosa, que contava nunca ter escrito um romance, mas contos, sai de *Grande sertão: veredas* com uma consciência ainda mais “sóbria” deste olhar menor. Sempre descobridor, talvez com aquele espanto dos olhos pequenos de Miguilim, busca o Oriente de seus próprios escritos. A terra prometida seria divisada em *Tutameia*, onde a arte da ninharia como que constrói a estória da História, a anedota americana. Na “passagem histórica” “Nós, os temulentos”, “Terceiro prefácio”, ou “Ulisses em ziguezigue”, cujo território é a urbe posta em dúvida a cada passo ou palavra, não se parece redesenhar a fabulazinha de “O espelho”, em *Primeiras histórias*, enquanto “Curtamão”, a ruína de um sonho, a casa de amor transformada em escola de meninos, microrrealiza o suposto pacto de Riobaldo?

Assim, a literatura em Rosa e Rulfo repete perguntas nunca de todo respondidas. O romance na América, em seu nascedouro até a crise do final do século XIX, talvez tenha sido a carta de submissão ao Pai, a palavra última que se chama eurocentrismo. O gigante estava vivo, mas longínquo. Precisava-se, antes, uma telessaia pela imensidão ou a Selvagem América. Uma paródia hegeliana, ato de rebeldia, no instante em que o mais vasto se torce pelo galgar menor, a viagem que não desgruda da própria frase, a travessia intransponível: as histórias “não estão sempre iguais”, “afinam ou desafinam”, é o mote de Riobaldo. Rulfo nos habita em Comala. Rosa no sertão mundo. Seria o ponto final o Pai? Assassinar-lo teria como revés as ruínas da História?

\* Leonardo Vieira de Almeida é escritor e doutorando em Estudos de Literatura Brasileira, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Publicou o livro de contos *Os que estão aí* (Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2002). Atualmente, pesquisa a problematização do espaço sertão na literatura de Guimarães Rosa e Juan Rulfo, e sua relação com o tema de Fausto. Mantém o site “Contando Contos” (<http://contandocontos.blog-br.com/>), e ministra diversas oficinas literárias presenciais e a distância.

## Machado “nunca foi um lutador de praça pública”

Para o crítico literário gaúcho Luis Augusto Fischer, Machado de Assis se tornou um grande autor por ter escapado da armadilha nacionalista

POR ANDRÉ DICK E PATRÍCIA FACHIN

“Uma das coisas que Machado mais fez foi acabar com clichês de representação”, disse o escritor Luis Augusto Fischer, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Mas isso, explica, não quer dizer que o autor brasileiro não tenha criado personagens que representam o Brasil. E ele exemplifica: “Brás Cubas é um retrato da elite corrupta, educada, que rejeita o trabalho, mas é simpática; José Dias, o personagem de *Dom Casmurro*, é um tipo humano encontrável no Brasil ainda hoje, o puxa-saco que fica em volta do poder para angariar simpatias e favores”. Segundo Fischer, a literatura de Machado se consagra, justamente, porque ele “conseguiu pensar na ficção, porque realizou ficção de grande maturidade e alcance, porque foi um grande leitor dentro da sua ficção, reprocessando a tradição ocidental dentro de sua obra”.

Fischer é mestre e doutor em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde 1984, é professor adjunto de Literatura Brasileira do Instituto de Letras da UFRGS. Entre seus livros, citamos *Contra o esquecimento* (Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001), *Para fazer diferença* (Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002), *Literatura gaúcha – história, formação e atualidade* (Porto Alegre: Leitura XXI, 2004), *De ponta com o vento norte* (Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004), *Quatro negros* (Porto Alegre: L&PM, 2005) e *Machado e Borges* (Porto Alegre: Arquipélago, 2008).

**IHU On-Line - Como o senhor aproxima o universo fantástico de Borges com o de Machado de Assis, autores basilares para entender a literatura latino-americana, e a influência que ambos tiveram de Edgar Allan Poe?**

**Luis Augusto Fischer** - As aproximações são ao mesmo tempo muitas e poucas, conforme o ângulo da leitura. De um lado, do lado escasso, daria para dizer que os dois têm poucas relações, porque Borges nunca leu Machado (nem o contrário, por motivos de tempo: Borges nasceu em 1899, e Machado faleceu em 1908) e porque afinal os dois trataram de temas bastante diversos. Pelo lado abundante, pode-se dizer muita coisa, como eu tentei dizer num ensaio de 90 páginas, em meu livro *Machado e Borges*: cada um deles precisou discutir com os nacionalistas de seu tempo; praticaram crítica e criação; os dois foram leitores muito costumeiros da tradição inglesa, quando a fonte francesa era mais prestigiosa; e assim por diante. Sobre a influência de Poe: não tem dúvida

de que Machado e Borges leram Poe e foram tocados por sua obra. Em Machado, que traduziu seu poema “O corvo”, creio que se nota uma marca em alguns contos, cuja estrutura – que para Poe devia fazer convergir todas as ações e impasses para um fim estrondoso, revelador – relembra as de Poe, e a mesma coisa se pode dizer de Borges. Por outro lado, vale dizer que nem Machado nem Borges fizeram apenas contos assim; na obra de ambos há bastante variedade formal. Os dois sul-americanos, além disso, devem ter-se beneficiado do modo como Poe registrou a vida das multidões e dos homens isolados, fenômenos da cidade moderna, massiva, terrível e ao mesmo tempo fascinante.

**IHU On-Line - Machado e Borges possuíam uma visão a respeito do nacionalismo. Quais as semelhanças e diferenças, em relação a este tema, entre ambos?**

**Luis Augusto Fischer** - Em linhas gerais, ambos rejeitaram a idéia de que para ser um escritor nacional (brasileiro ou argentino) fosse imperativo o sujeito escrever sobre paisagem ou figuras locais. Para os dois, o que importava era ser bom escritor, “ter um sentimento íntimo de seu tempo e lugar”, nas palavras de Machado, mas tratando de qualquer tema, local ou não local. Foi assim que os rejeitaram o indianismo e o gauchismo, respectivamente, como obrigatórios.

**IHU On-Line - De que forma Machado e Borges conseguem se tornar autores tão centrais, mesmo sendo autores latino-americanos, que costumam ficar um pouco esquecidos, na periferia? Nesse sentido, quais os autores que mais os influenciaram e como eles interferem na formação da literatura dos países a que pertencem?**

**Luis Augusto Fischer** - Eles se tornaram grandes autores, capazes de falar para qualquer leitor, justamente por terem escapado da armadilha nacionalista. Não é que não tenham tratado de temas e questões de seu tempo e lugar – Machado falou, e muito, de figuras da sociedade escravista do Segundo Império brasileiro,

**“Machado de fato praticou literatura como um comentário às idéias de seu tempo, e portanto é verdade que em seus contos e romances, assim como nas crônicas, vamos encontrar o debate sobre darwinismo”**

como o agregado ou como o favor, tanto quanto Borges discorreu, e muito, sobre sua Buenos Aires natal, sobre a cidade antiga, derrubada pela modernização. A questão, portanto, é menos de saber quem os influenciou, e mais de saber como eles entenderam essa necessidade de superar o âmbito doméstico. Quanto a leituras, eles tiveram em comum os cétricos e ironistas franceses (Montaigne, Pascal, Voltaire, em doses diferentes) e os ensaístas ingleses do século XVIII e XIX, além de Shakespeare.

**IHU On-Line - Os personagens de Machado representam uma identidade brasileira?**

**Luis Augusto Fischer** - Depende do que se entende por “identidade”. Creio que uma das coisas que Machado mais fez foi acabar com clichês de representação. Não quer dizer que não tenha personagens que, vistos de modo não trivial, representam o Brasil: Brás Cubas é um retrato da elite corrupta, educada, que rejeita o trabalho, mas é simpática; José Dias, o personagem de *Dom Casmurro*, é um tipo humano encontrável no Brasil ainda hoje, o puxa-saco que fica em volta do poder para angariar simpatias e favores.

**IHU On-Line - De que modo se entrelaçam, na obra de Machado, o conto, a crônica e o romance, aliando esses gêneros a uma influência de idéias filosóficas de sua época, assim como da psicologia e de idéias darwinistas, científicas?**

**Luis Augusto Fischer** - Machado de fato praticou literatura como um comentário às idéias de seu tempo, e portanto é verdade que em seus contos e romances, assim como nas crônicas, vamos encontrar o debate sobre darwinismo (*O alienista* é um exemplo). O Machado maduro, em todos os casos, cultivou um agradável ceticismo e um saudável materialismo.

**IHU On-Line - O seu posicionamento crítico, no texto “Instinto de nacionalidade”, é adequado ao que ele trabalha em sua obra, assim como sua posição sociopolítica, em relação, por exemplo, ao abolicionismo?**

**Luis Augusto Fischer** - Sobre a relação entre o Machado cidadão e o Machado escritor, por exemplo no que se refere ao tema da abolição da escravatura, pode-se dizer que há bastante coerência. Ele nunca foi um lutador de praça pública, assim como não foi um tribuno de qualquer causa. Era cético mesmo, na vida e na literatura; tenho a impressão de que ele apreciava bastante D. Pedro II, e por isso não era antimonarquista, nem ardoroso defensor da República. Quanto ao escravismo, está claro que ele repudiava, mas antes dos 40 anos, sua ficção exibe escravos conformados à sujeição, gente de baixo que sonha em manter-se em baixo mesmo, sem questionar o poder, traços que desaparecem depois de 1880.

**IHU On-Line - Por que, na sua opinião, Machado é visto como o grande escritor brasileiro, pelo menos na prosa? O que ele possui para que seja lido geração após geração, em comparação com outros escritores, como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Clarice Lispector etc.?**

**Luis Augusto Fischer** - Porque conseguiu pensar na ficção, porque realizou ficção de grande maturidade e alcance, porque foi um grande leitor dentro

de sua ficção, reprocessando a tradição ocidental dentro de sua obra. A relação com pósteros é difícil de avaliar e depende de caso a caso. Com Clarice Lispector<sup>1</sup> não vejo ponto de contato relevante; com Guimarães Rosa há em comum pelo menos uma enorme vontade de fazer obra superior ao seu tempo (e conseguir); com Graciliano, compartilha Machado uma profunda descrença em tudo, mas em Machado isso se disfarça em ironia, ao passo que em Graciliano vira amargura.

## LEIA MAIS...

>> Luis Augusto Fischer já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira na nossa página eletrônica [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

## Entrevista:

\* “*Cem anos de solidão foi uma revelação*”. Edição 221, intitulada *Cem anos de solidão. Realidade, fantasia e atualidade: os 40 anos da obra Gabriel Garcia Márquez*, de 28-05-2007.

## EVENTO

>> Luis Augusto Fischer está participando do Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa, no dia 01-10-2008. Minicurso: Machado e Borges  
Prof. Dr. Luis Augusto Fischer - UFRGS  
Local: Sala 1D107  
Horário: 14h às 18h30min

Mesa-redonda: Diálogos com Rosa

Participantes:

Profa. Dra. Kathrin Rosenfield - UFRGS

Profa. Dra. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy - UFRGS

Prof. Dr. Luis Augusto Fischer - UFRGS

Mediador: Prof. Dr. Cláudio Elmir - Unisinos

Local: Anfiteatro Pe. Werner

Horário: 19h30min às 22h.

**1 Clarice Lispector (1920-1977):** escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944, publicou seu primeiro romance *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contendo a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso, embora menos característico, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-07-2008, intitulada *Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho*. (Nota da IHU On-Line)

## Grande sertão: veredas, um universo de alusões

Por articular diferentes temporalidades num mesmo texto e a mesma subjetividade num mesmo personagem, Guimarães Rosa criou narrativas temporalmente complexas e modernas, considera Susana Kampff Lages

POR ANDRÉ DICK E PATRICIA FACHIN

“G uimarães Rosa soube tirar partido das nuances da saudade luso-brasileira, que envolve uma constelação de representações afetivas e ideativas e que tem uma longa tradição na literatura e na cultura portuguesa”, avalia a pesquisadora Susana Kampff Lages. Na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, ela ressalta que “todo o escritor é forte na medida em que mergulha fundo no seu próprio universo cultural e dele tira a matéria a partir da qual molda sua própria obra”. Em *Grande sertão: veredas*, destaca, “toda a ação do romance se constrói como produto da memória do narrador-personagem, que revê o passado, mas sem deixar de contemplar o momento presente e o futuro”.

Susana Kampff Lages, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), é graduada em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-Rio), mestre na mesma área, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutora em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Entre suas obras, citamos *Walter Benjamin: Tradução e melancolia* (São Paulo: Edusp, 2002) e *João Guimarães Rosa e a saudade* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2003).

**IHU On-Line - De que modo podemos interpretar a saudade em Guimarães Rosa? Ela representa uma característica do povo brasileiro?**

**Susana Kampff Lages** - Não tão diretamente. Ela traduz um modo singular e subjetivo de lidar com o tempo. Guimarães Rosa soube tirar partido das nuances da saudade luso-brasileira, que envolve uma constelação de representações afetivas e ideativas e que tem uma longa tradição na literatura e na cultura portuguesa. Criou narrativas temporalmente complexas e modernas por articularem diferentes temporalidades num mesmo texto ou até, em uma mesma subjetividade, num mesmo personagem. A narrativa autobiográfica de Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*, é paradigmática da forma com que Rosa utiliza a saudade como operador de diferentes níveis temporais. Toda a ação do romance se constrói como produto da memória do narrador-personagem, que revê o passado, mas sem deixar de contemplar o momento presente e o futuro. Nessa simultânea articulação dos tempos opera a saudade rosiana.

**IHU On-Line - Os personagens de Guimarães Rosa possuem um viés melancólico na maneira como são construídos? Se sim, de que modo ele se apresenta através da elaboração de imagens?**

**Susana Kampff Lages** - A suave melancolia rosiana se traduz, sobretudo, em imagens recordadas, imagens acionadas por uma memória que se quer absoluta,

integral, mas que sabe da impossibilidade de recobrir todo o passado. A melancolia rosiana resulta, em parte, dessa necessária falha da memória. Em *Grande sertão: veredas*, fazem parte desse universo imagético, como já observou Cavalcanti Proença, as imagens ligadas à Canção de Siruiz, a imagem da Nossa Senhora da Abadia, do manuelzinho-da-crôa, a pedra do Araçuaí, a névoa que acompanha algumas aparições de Diadorim. Cada uma dessas imagens constitui uma constelação de sentidos e um universo de alusões únicos, que se abrem a inúmeras interpretações.

**IHU On-Line - Há uma religiosidade nos personagens de Guimarães? Como avalia uma certa visão metafísica que ele estabelece com os seus personagens por meio da visão do sertão?**

**Susana Kampff Lages** - Guimarães Rosa era leitor e estudioso de textos das diferentes tradições religiosas, tradições que se fundam em textos complexos, que compõem narrativas muitas vezes paradoxais. Essa complexidade está ligada à forma com que esses textos são construídos, ao trabalho de linguagem que nelas se faz, calcado, sobretudo em representações de caráter antitético quando não paradoxal.

**IHU On-Line - Guimarães Rosa possui uma mitologia extremamente pessoal, mas dialoga com autores estrangeiros, como James Joyce. Há, nele, uma tradução de leituras de vanguarda, por meio de sua linguagem experimental?**

**Susana Kampff Lages** - É pertinente essa aproximação com Joyce, do ponto de vista da singular linguagem criada por Guimarães Rosa, uma leitura que foi feita pelos poetas do concretismo brasileiro; mas a obra de Joyce não pode ser considerada a única fonte do caráter enigmático e lúdico de sua linguagem. Há muitos outros fios da tradição literária que podem ser invocados, explicitamente indicados por Rosa, entre outros, na famosa entrevista que deu ao crítico alemão Günter Lorenz: Goethe, Dostoiévski, os textos de diferentes tradições místicas.

**IHU On-Line - É possível entender**

**alguns elementos do Brasil a partir das narrativas de Rosa? Como aparecem, nelas, as figuras do jagunço, do homem do interior do país, com sua linguagem e costumes, além das lendas, do folclore, de um universo também fantástico?**

**Susana Kampff Lages** - Todo o escritor é forte na medida em que mergulha fundo no seu próprio universo cultural e dele tira a matéria a partir da qual molda sua própria obra, acrescentando posteriormente elementos de outras culturas e tradições com as quais entra em contato seja em sua experiência de vida, seja através de leituras.

**IHU On-Line - Existe uma predileção de Rosa pelo universo da infância, mostrando, por exemplo, em contos, sobretudo, a ligação entre pais e filhos?**

**Susana Kampff Lages** - Freud, leitor privilegiado, entre outros, da tragédia grega, de Shakespeare<sup>1</sup> e dos autores clássicos alemães, mostrou que em toda a família há uma trama, um romance que se tece, repousando sobre segredos, tabus e atavismos familiares. Guimarães Rosa, que era leitor de Freud, soube aproveitar literariamente as intuições freudianas: um exemplo magistral, para além de toda a trama familiar de Riobaldo, é o enigmático conto *A terceira margem do rio*, em que o pai decide sem maiores explicações abandonar a família e ir morar numa canoa, permanecendo assim simultaneamente próximo e distante do filho, que se contagia com a loucura não falada, mas transmitida pelo pai.

#### EVENTO

>> A Profa. Dra. Susana Kampff Lages é responsável pela palestra A construção de imagens em Rosa. Confira as informações abaixo.

Dia: 03-10-2008

Horário: 9h às 12h:

Palestrante: Profa. Dra. Susana Kampff Lages - UFF

Prof. Dr. Benedito Nunes - UFP

Mediadora: Profa. Dra. Maria Helena Campos Bairros - Unisinos

Local: Anfiteatro Pe. Werner

<sup>1</sup> William Shakespeare (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias, 154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. (Nota da IHU On-Line)

CONFIRA A VERSÃO ELETRÔNICA DA  
IHU ON-LINE  
WWW.UNISINOS.BR/IHU

## Cartas de Machado

Analizando as correspondências enviadas por Machado de Assis, a pesquisadora Maria Cristina Cardoso Ribas apresenta outras faces do escritor brasileiro

**N**a entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, Maria Cristina Cardoso Ribas comenta a pesquisa que resultou no livro recém-lançado pela Editora PUC-Rio/7 Letras: *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Em busca de trazer um diferencial para os leitores de Machado, a pesquisadora dedicou-se à leitura das correspondências machadiana. “Se cartas são para rasgar, para ler, responder ou ignorar, o certo é que juntam dizeres e palavras por dizer”. Nessa teia do dizível e indizível, Maria Cristina, apresenta “um outro sujeito de Machado”, “alguém que provavelmente deveria se construir no discurso epistolar, na correspondência com os amigos e companheiros de jornada”.

Maria Cristina Cardoso Ribas é doutora em Ciência da Literatura, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), ela atua nos departamentos de Comunicação Social e Letras. Também é docente na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), onde leciona Teoria da Literatura.

### IHU On-Line - Professora, como e quando surgiu a idéia do seu trabalho?

*“Este primeiro, intensivo e solitário contato com o Arquivo foi inesquecível: o fato de ter em mãos folhas amareladas pelo tempo, a materialidade do traço, da letra machadiana, ora nítida, ora trêmula, chegando a esgarçar-se nos momentos de crise existencial e moléstia física, é algo que um estudioso de literatura e cousas humanas, sobretudo se apaixonado por Machado, sempre sonhou experimentar.”*

(RIBAS, 2008. p.22)

**Maria Cristina Cardoso Ribas** - Essa é uma história que começou em 2000. Por indicação do Departamento de Letras da PUC-Rio, fui conhecer o Arquivo Machado de Assis, no Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras, Arquivo que na época estava em construção. Fiquei fascinada com a possibilidade de vasculhar manuscritos, rascunhos, bulas de remédios, fotos, e fiz uma imersão de quatro anos para tomar os primeiros contatos com os documentos, os quais chamamos

de fontes primárias. No ambiente especialmente preparado para preservação dos manuscritos que já tinham passado pelo processo de assepsia, temperatura muito baixa, lupa e luvas, me debrucei, sem pressa, na experiência minuciosa da leitura. Pude me defrontar com a letra, de próprio punho – elegante, desenhada, esgarçada e trêmula, iluminada pelas rasuras e manchas de mofo –, daquele que eu conhecia somente através de livros impressos. Depois foram mais três anos para escrever, reescrever, rasurar, finalizar o que sempre parece interminável.

### IHU On-Line - Por que um livro sobre cartas?

*“Ao primeiro olhar a letra de Machado é fina, o talhe, elegante. Mas olhar outra vez significa perceber a materialidade do traço. Cada risco parece acompanhar os dedos trêmulos do missivista, quando aquele ponto-instante da carta coincide com relato de moléstia, com estar acontecido de algum mal.”*

(RIBAS, 2008: 28)

**Maria Cristina Cardoso Ribas** - Durante a imersão no Arquivo, eu precisava decidir com quais documentos iria trabalhar. Fazer um recorte em meio a tantas informações foi tarefa delicada. Mas já sabia que qualquer leitura que eu empreendesse seria uma força a mais em diálogo com a produção ficcional machadiana. Pensei comigo mesma: em que “lugar” posso encontrar um diferencial, uma contribuição, ainda que mínima, para os leitores de Machado? Como chegar ao leitor especialista e ao leitor simplesmente interessado em sua obra e em sua atuação no Rio de Janeiro dos oitocentos? E, na profusão de tantas leituras sobre o autor de *Dom Casmurro*, que tipo de reflexão seria útil eu desenvolver, ainda mais considerando a oportunidade de ter diante de mim aquela oferta de conhecimento?

Foi assim que cheguei até a correspondência machadiana. Se cartas são para rasgar, para ler, responder ou ignorar, o certo é que juntam dizeres e palavras por dizer; que mentem, encobrem, desvelam... E quem sabe eu

poderia encontrar, nessa teia dizível/indizível, algo que iluminasse os estudos sobre um autor tão significativo na formação da nossa cultura, uma voz tão presente na literatura brasileira. E com uma ressalva: eu me propus a reler as cartas com o objetivo não de fazer uma edição crítica ou uma coletânea de missivas transcritas para “facilitar” a sua leitura. Eu queria conhecer, se fosse possível, um outro sujeito Machado, alguém que provavelmente – achava eu – deveria se constituir no discurso epistolar, na correspondência com os amigos e companheiros de jornada. Enfim, uma leitura interpretativa. Mesmo porque a carta é um meio de nos abirmos ao olhar alheio, à alteridade, de acessarmos e instalarmos o nosso correspondente, como diz Michel Foucault<sup>1</sup> (1969), no lugar do Deus interior. Eu diria, uma espécie de lampejo, um saudável *insight* que impede o afundamento no lago narcísico em que o egocêntrico está sempre prestes a mergulhar.

<sup>1</sup> Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da loucura*, *O Nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas*, *A arqueologia do saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e punir* e *A história da sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para *download* na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos Cadernos IHU em formação. (Nota da IHU On-Line)

## IHU On-Line - O que Machado revela nestes onze anos de correspondência?

Maria Cristina Cardoso Ribas - Você

*“(…) ainda que a letra de Machado no texto das cartas seja desenhada através de uma pena ora firme, ora esgarçada, clara ou reticente, e sempre assinada por um missivista afetuossíssimo e diplomático que parece controlar muito bem o que diz, ainda assim a prática usual é ignorar o legível para dedicar-se a decifrações do improvável, porquanto centradas no ego do leitor.”*

(RIBAS, 2008, p. 30)

foi justo ao ponto, porque esta foi a minha primeira grande questão. Ou dilema. Nos meus (des)caminhos de leitura, logo percebi que Machado frustrava a leitura curiosa, rastreadora de revelações da intimidade do Senhor, do admirador, compadre e amigo Machado de Assis. Ou seja, as cartas “não diziam” ou melhor, “diziam nada”. Ou então falavam daquilo que já era do conhecimento do destinatário. As informações novas eram meramente formais: datas, nomes, avisos; ou pedagógicas: conselhos, ânimo, desabafos de doenças. E essa foi, para mim, a mais importante revelação. A descrição de Machado e o seu caráter declaradamente antipolemista levam-no à omissão de dados que reverberariam em confissões da vida familiar, que questionariam o estigma de absenteísmo político, trariam o tema da tão falada esterilidade, enfim, do que favorecesse, por parte do leitor, a relação projetiva vida biográfica e produção literária. Todas estas são expectativas que Machado missivista desdenha ou simplesmente ignora, porque em onze anos de correspondência, ele passa ao largo destas questões. E este digito – e, completo, estratégico – silêncio de Machado sobre eventuais curiosidades ou provocações acerca da “personalidade literária” acaba nos apontando sua irrelevância para o estudo da literatura e abrindo espaço para outras – e mais produtivas – leituras. Ao ler literatura, ao ler a correspondência machadiana, é

preciso, ao invés de decifrar signos, produzir sentidos a partir dos jogos discursivos do narrador e do missivista. Assim, voltamo-nos para considerar os processos reiterados da escrita nas cartas, o que inclui: chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações discursivas, as omissões, pressuposições, intertextualidades, as negativas. Enfim, fazer uma leitura pelo avesso e entender que o destinatário explícito na epígrafe das cartas nunca é nomeado e como tal transbordase a si mesmo, ao mesmo tempo em que aponta para outros destinatários não nomeados, os quais, por sua vez, podem abarcar desde escrever para si mesmo, para a sociedade da sua época, para a posteridade. Ou, ainda, escrever para reforçar os vínculos independentemente do conteúdo da mensagem, escrever porque era uma prática social vigorosa no século XIX, escrever para o outro repetindo o que diria para si mesmo, enfim, marcar, no registro da escrita, o exercício da memória e assim eternizar-se, multiplicar-se – na contramão da propalada esterilidade.

## IHU On-Line - Que perfil de Machado de Assis nós podemos encontrar em seu livro?

Maria Cristina Cardoso Ribas - Um sujeito cético, constituído por constantes auto-exames e sem auto-complacência; alguém que reconhece a dimensão e os limites de ser epilético no século XIX, sem remédios ou atenuantes que não seja aprender a lidar com “esse mal” e que declararia, no Miguel Couto, um médico de alma, que lhe trouxe a graça, embora não o exima da “natureza madrastra”; um escritor que trabalhava em Ministérios e Secretaria de Ministérios – no Império e na República –, que transitava com maestria na elite intelectual dos oitocentos sem alardear sua origem na pobreza do Morro do Livramento como *status* de alavanca social. Alguém com habilidade diplomática, com uma consciência invejável acerca de si próprio, de seus companheiros, do contexto histórico que atravessou, dos jogos sociais e, mais que tudo, da matéria humana.

Um homem que acredita nas forças curadoras – e transformadoras – das musas, da poesia, da arte.

**IHU On-Line - Qual a importância do “bruxo do Cosme Velho” para o leitor do século XXI?**

**Maria Cristina Cardoso Ribas** - Conforme entendo, grandes autores devem ser encarados não somente pelo que representam isoladamente, mas pela tradição que podem vir a inaugurar, ou seja: devem ser encarados como práticas discursivas que produzem não apenas a sua própria obra, mas a possibilidade de formação de outros textos. E isso sem se tornar um avatar, uma vez que se dissolve na multiplicidade de vozes que ecoam em novas formulações. Neste sentido, Machado é polifônico, e por isso podemos encará-lo como formador de novas tradições, o que é de suma importância para a cultura brasileira, para a nossa formação discursiva. Claro que para isso é fundamental ouvi-lo, conhecê-lo, agüentar (quando se reconhece) os golpes que desfere nas hipocrisias sociais, transitar por sua obra sem apenas cumprir formalmente uma obrigação didática ou mandato social. Penso que as contribuições de Machado são tantas, que o melhor é considerar sua leitura um convite para que cada leitor possa construir e herdar algum tipo de estímulo, conhecimento, inspiração, auto-exame.

*Trecho da Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (14-I-1894)*

“Quero dar-lhe ainda outro conselho: é o jus dos velhos, - ou dos mais velhos, se me permite a vangloria. Não duvide de si. Receio muito que este sentimento lhe ate as asas. Hade de sempre haver quem duvide de seu talento; deixe essa tarefa a quem pertence par droit de naissance. O seu direito e dever é crer nele e mostrá-lo. Não descreia das musas; elas fazem mal às vezes, são caprichosas, são esquivas, mas entregam-se nas horas de paixão, e nessas horas os minutos valem por dias.”

Machado de Assis

## Guimarães Rosa: um narrador do Brasil

Para o crítico literário Flávio Carneiro, a presença do narrador nas obras de Guimarães Rosa faz a diferença

**E**scritor, crítico literário e roteirista, Flávio Carneiro fez mestrado e doutorado, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e pós-doutorado, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nessa rápida entrevista concedida à **IHU On-Line**, o professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), nos oferece sua compreensão sobre alguns aspectos da obra de Guimarães Rosa, e destaca que o escritor cria um personagem narrador, ou seja, “cria um bom contador de histórias, que te convida a ouvir o que ele tem para contar”.

Entre as obras de Carneiro, destacamos *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI* (Rio de Janeiro: Rocco, 2005) e *A distância das coisas* (São Paulo: Edições SM, 2008).

**IHU On-Line - A obra de Guimarães Rosa, especialmente os contos a que ele chama “estórias”, se apresenta como metanarrativa. Qual é a sua contribuição teórica para a literatura do século XXI?**

**Flávio Carneiro** - O que se pode pensar como contribuição de Rosa para a ficção do século XXI é, sobretudo, uma aposta no narrador. Quem escreve às vezes se esquece disso, de que uma história precisa de alguém que a conte. O narrador de Rosa é que faz a diferença.

**IHU On-Line - Grande sertão: veredas é um romance de muitos implícitos, alusões e citações de obras clássicas universais. Pensando-se que a fala de um jagunço é que conduz a narrativa, como isso se explica estilisticamente?**

**Flávio Carneiro** - Ótima pergunta! É claro que Riobaldo jamais poderia ficar falando tudo o que fala, a um interlocutor para lá de paciente. Aqui fica claro que se trata de um artifício, de um jogo, para o qual o leitor é convidado. Rosa cria um personagem narrador – é isso que se deve lembrar sempre – quer dizer, cria um bom contador de histórias, que te convida a ouvir o que ele tem para contar.

**IHU On-Line - Como você lê o pacto fáustico entre Riobaldo e o demônio?**

**Flávio Carneiro** - Acho que Riobaldo narra movido por um culpa – a de ter sido responsável pela morte de Diadorim. Riobaldo propôs um pacto com o diabo e esse pacto de fato se concretizou. Não de forma explícita (o diabo não assina promissórias), mas na forma que realmente vale. Riobaldo recebe o que pediu: vence o inimigo Hermógenes. Em troca, o diabo leva sua alma, que atende pelo nome de Diadorim. É aí, a meu ver, que o pacto se dá. E Riobaldo perde.

**IHU On-Line - Conhecer o desfecho da obra não apaga para o leitor que venceu a fala fragmentada de Riobaldo o encanto pela narrativa. O que está em jogo entre o jagunço narrador e Diadorim?**

**Flávio Carneiro** - O mais importante da história, me parece, é a dúvida. Isso – a dúvida – é que move todo o romance. A história em si é banal, existe desde priscas eras, no ocidente e no oriente (quem não se lembra, por exemplo, do filme, do desenho *Mulan?*). Agora, o importante é o jeito de contar, e é nisso que o escritor faz a diferença.

## Machado expõe a dimensão da pluralidade e da universalidade humana

Para a professora Juracy Saraiva, Machado de Assis é um atento e perspicaz observador da moral, dos costumes e das relações humanas

POR ANDRÉ DICK, GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

**A**o falar sobre a importância e as características da obra de Machado de Assis, a professora Juracy Saraiva, do Centro Universitário Feevale, afirma que “as menções a formas particulares de organização social, os dados da espacialidade e os aspectos culturais solidificam os efeitos de realidade de sua obra ficcional, contribuindo para a verossimilhança”. No entanto, alerta, “as tramas reveladoras das ações humanas transcendem o localismo para representar a essência do humano, que é idêntica em toda e qualquer latitude”. Para Juracy, essa é a razão da atualidade de suas obras até hoje. Juracy Ignez Assmann Saraiva é graduada em Letras, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, mestre em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e doutora em Teoria Literária, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Realizou pós-doutorado em Teoria Literária, pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é professora e pesquisadora no Centro Universitário Feevale, em Novo Hamburgo, onde também exerce a função de assessora da Pró-Reitoria de Pesquisa, Tecnologia e Inovação. É membro do Comitê Interdisciplinar da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul e consultora das secretarias de Educação das prefeituras de Dois Irmãos e de Morro Reuter, sendo responsável pelo desenvolvimento de programas de leitura e de escrita. Suas pesquisas na área de Letras concentram-se na obra de Machado de Assis e na metodologia do ensino de literatura. De sua obra, citamos *O circuito das memórias em Machado de Assis* (2. ed. São Paulo: Edusp, 2008).

**IHU On-Line - Como as obras de Machado ajudam a compreender o contexto social e político do Brasil do século passado? Elas continuam atuais? Por quê?**

**Juracy Assmann Saraiva** - Ao conceber suas obras, Machado de Assis enfoca a sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. Ele trata de temas que expõem o contexto social e político do Brasil nesse período e se revela um atento e perspicaz observador da moral, dos costumes e das relações humanas. Entretanto, ainda que seus personagens circulem pelas ruas, praças e demais logradouros da cidade do Rio de Janeiro e que os ritos sociais desse lugar e de um determinado tem-

po estejam representados, Machado expõe a dimensão da pluralidade e da universalidade humana. As menções a formas particulares de organização social, os dados da espacialidade e os aspectos culturais solidificam os efeitos de realidade de sua obra ficcional, contribuindo para a verossimilhança, mas as tramas reveladoras das ações humanas transcendem o localismo para representar a essência do humano, que é idêntica em toda e qualquer latitude. Por essa razão, suas obras continuam atuais.

**IHU On-Line - *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*, entre outras obras de Machado, representam sua visão socio-**

**lógica e histórica, também através do crescimento da cidade, especificamente o Rio de Janeiro?**

**Juracy Assmann Saraiva** - Os textos literários, apesar de serem fictícios, não abandonam a relação com o real, nem com o presente histórico, que nele interferem tanto como ponto de partida quanto como ponto de chegada, tanto no momento da produção quanto no da recepção. Conseqüentemente, embora instalem um “mundo possível”, as obras de Machado estabelecem correspondências com a realidade factual, representando sua visão crítica em face da organização social do país ou de seus eventos históricos. Em relação aos acontecimentos da vida brasileira,

elas destacam, por exemplo, a mudança de regime político, que passa da Monarquia à República, e que Machado transpõe em *Esau e Jacó*, e a abolição da escravatura e a necessidade de novas formas de organização social do trabalho que estão representadas no conto “Pai contra mãe”. Em *Dom Casmurro*, a sociedade escravocrata do Segundo Império bem como suas relações de poder e de ascensão social são delineadas, estando a motivação de Capitu para seduzir Bentinho, segundo o narrador, enraizada no desejo dela e de sua família de elevar-se social e economicamente. Em *Quincas Borba*, o leitor se depara com a denúncia de uma concepção de mundo e de um comportamento coletivo em que, em nome do reconhecimento social, se admite a sobreposição da aparência à realidade, do falso ao verdadeiro e em que a ambição se deixa reger por um processo de devoração. Esse mesmo romance ridiculariza um sistema político que se instala sob um luxo e esplendor falsos, permitindo aventar a hipótese de que, para Machado de Assis, a estrutura da Monarquia brasileira se embasava em um delírio tão fantasioso quanto o de Rubião.

**IHU On-Line - De que maneira a realidade social de Machado influenciou na sua perspectiva de perceber a sociedade brasileira? Ele, como cronista, soube desempenhar um papel opinativo na configuração de idéias também históricas?**

**Juracy Assmann Saraiva** - O olhar sobre a realidade, filtrado por meio do espelho da literatura, torna os leitores menos ingênuos e lhes dá uma visão mais abrangente e mais crítica de suas próprias circunstâncias. Entretanto, é difícil mensurar a influência de um escritor sobre seus contemporâneos no que tange à instalação de um ideário político e ao rumo dos eventos históricos, quando ele não assume posições explícitas e maniqueístas. Certamente, Machado contribuiu, com suas crônicas e demais produções, para aguçar o espírito crítico dos leitores de seu tempo, mas o mais importante é que a análise do comportamento humano, configurado em suas obras, transcendeu o momento em que elas foram produzidas.

**IHU On-Line - Como a senhora compreende os múltiplos narradores de Machado de Assis, presentes tanto em suas crônicas (sobretudo na década de 1880) quanto em seus romances memorialistas, de forma destacada em *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*? O escritor era sobretudo alguém que colecionava memórias por meio de suas narrativas e fazia uma “ficção autobiográfica”?**

**Juracy Assmann Saraiva** - As manifestações literárias modernas, entre elas o romance, expressam a função antropológica da memória ou dela se valem como recurso poético para instalar o universo romanesco. Em seus romances memorialísticos ou autobiográficos, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, Machado de Assis explora a força evocativa da memória, mediante a qual os protagonistas registram suas experiências e instituem sua identidade. Nesse processo, Machado recorre a estratégias que alicerçam a verossimilhança dos romances e explora as características do gênero autobiográfico, mas não estabelece relações de homogeneidade entre as personagens e a sua própria vida, engano que tem orientado muitos estudos biográficos sobre o escritor brasileiro.

**IHU On-Line - Quais são os autores estrangeiros que mais provocaram influência na obra de Machado de Assis? E como, nesse ponto, se inseria sua visão a respeito do nacionalismo, visível em seu escrito “Instinto de nacionalidade”?**

**Juracy Assmann Saraiva** - Machado de Assis recupera o veio da literatura instalado por escritores como Rabelais, Montaigne, Shakespeare, Cervantes, Stendhal, Merrimée, Swift, Sterne, rejeitando a concepção realista-naturalista da arte, assumida por outros romancistas brasileiros da segunda metade do século XIX. Assim, enquanto esses transpunham o experimentalismo científico e o referencial teórico do Positivismo para suas produções, com o intuito de adequar-se aos ideais da modernidade, sem analisar a correspondência deles à estrutura sócio-político-cultural vigente, Ma-

chado recuperou a herança da literatura clássica. Negando-se a ignorar as contradições da sociedade brasileira e a adotar convenções estéticas que privilegiavam antes o verdadeiro do que o verossímil, o escritor procedeu à representação de dilemas humanos, situando-os, porém, em determinado contexto; igualmente, transferiu, para a interioridade de suas obras, a reflexão sobre as potencialidades expressivas do fazer literário, reflexão que inclui a dimensão múltipla e ilimitada da própria literatura. Ele estabeleceu, dessa forma, uma prática subversiva em relação à compreensão do momento histórico brasileiro e à tendência estética dominante, sem que, com isso, deixasse de ser um homem de seu tempo e de seu país.

**IHU On-Line - Como, para utilizar expressão de Roberto Schwarz, Machado conseguiu se transformar num “mestre na periferia do capitalismo”? Por que, desse modo, suas obras possuem um caráter tão universal?**

**Juracy Assmann Saraiva** - A partir de uma perspectiva sociológica, Roberto Schwarz assinala o modo como Machado transfere, para o processo narrativo, a estrutura vigente na sociedade, procedendo à denúncia dessa mesma sociedade por meio dos procedimentos formais de seu estilo. Nesse sentido, ainda que exercendo o ofício de escritor em um país periférico, Machado se revela um mestre, igualando-se aos mais importantes escritores da literatura ocidental.

A natureza inovadora da obra de Machado garante-lhe a condição de *clássica*, isto é, de uma obra que é capaz de instalar um novo paradigma artístico e que, simultaneamente, transpõe os limites do momento de sua criação.

## EVENTO

>> A Profa. Dra. Juracy Assmann Saraiva participará da mesa redonda A cidade e o sertão: espaços do Brasil  
Dia: 02-10-2008  
Horário: 9h às 12h  
Participantes: Prof. Dr. João Hernesto Weber - UFSC e Profa. Dra. Juracy Assmann Saraiva - Feevale  
Mediadora: Profa. Dra. Eliana Pritsch - Unisinos  
Local: Anfiteatro Pe. Werner



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Brasil em Foco

## A desigualdade da distribuição funcional da renda continua

Marcio Pochmann, presidente do IPEA, fala sobre aumento da renda dos brasileiros e sobre crise financeira internacional

POR GRAZIELA WOLFART

“**N**ão temos uma indicação que nos permita dizer que há uma redução na desigualdade do ponto de vista da distribuição funcional da renda, mas, sim, no que diz respeito à distribuição da renda pessoal do trabalho.” A afirmação é do presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Marcio Pochmann, em entrevista concedida por telefone para a **IHU On-Line**. Para ele, “a questão da tributação assume relevância muito grande do ponto de vista da justiça e do papel na questão da redistribuição dos ganhos de produtividade, fazendo com que o país pudesse ter menos pobres e menor desigualdade”. Marcio Pochmann é doutor em Economia e professor do Instituto de Economia da Unicamp. Entre seus livros, destacamos *Políticas do trabalho e de garantia de renda – O capitalismo em mudança* (São Paulo: LTR, 1995), *E-trabalho* (São Paulo: Publisher Brasil, 2002) e *Desenvolvimento, trabalho e solidariedade* (São Paulo: Cortez, 2002).

**IHU On-Line - Podemos identificar realmente uma nova classe média no Brasil? O que poderia ser caracterizado como essa nova classe social?**

**Marcio Pochmann** - Nós, do IPEA, estamos fazendo uma série de investigações sob o ponto de vista da mensuração das mudanças sociais que estão em curso no Brasil. Achamos temerário usar o termo “classe média”, porque a definição de classe social implica uma avaliação bem mais ampla, não apenas do ponto de vista da renda das pessoas. Ela também considera a sua forma de inserção no mercado de trabalho, sua participação em termos de propriedade e até mesmo seus hábitos de consumo e *status* social. As informações que temos até o momento permitem fundamentalmente avaliar melhores níveis de renda. Justamente por conta disso que nós terminamos, então, fazendo um estudo que apurou basicamente as mudanças sociais em função da renda. Nesse sentido, ao se

considerar três níveis de renda no Brasil (rendas muito baixas, intermediárias e superiores), percebemos, sim, uma mudança social importante no que diz respeito ao envolvimento de cerca de 14 milhões de pessoas entre o período de 2001 e 2007. E esse movimento maior se deu, basicamente, na passagem do primeiro para o segundo terço da população, se a dividirmos em três partes (baixa, intermediária e superior). Vimos também que um contingente de quatro milhões de pessoas conseguiu sair do nível de renda intermediário para o superior. Isso, em síntese, indica que estamos vivendo um quadro de mudança social, mas nos parece ainda cedo para estabelecer que, de fato, se trata de uma classe média na tradição da literatura de ciências sociais, que define com uma maior complexidade o que seriam as classes em uma economia capitalista.

**IHU On-Line - A partir do resultado**

**das pesquisas, que tendências se apresentam? Podemos vislumbrar uma maior igualdade entre as classes, do ponto de vista da renda?**

**Marcio Pochmann** - Podemos falar aqui em segmentos de renda e não podemos nos esquecer que a pesquisa do IBGE, a PNAD, que é uma das melhores pesquisas que temos no Brasil, mensura o rendimento do trabalho. Estamos tratando da renda que advém do trabalho, adicionada a rendimentos de programas públicos de aposentadoria, e mesmo de transferência de renda, com o Bolsa Família, e isso diz respeito apenas a uma parte da renda do país. Se somarmos a renda advinda da propriedade, como o lucro, juros, aluguéis e a renda da terra, devemos lembrar que essas formas de renda não fazem parte de forma ampla da pesquisa do IBGE, a PNAD. Portanto, quando tratamos dos dados do IBGE, falamos em torno de 40% do PIB, que é a participação da renda do trabalho

na renda nacional. Nesse segmento de 40% da renda nacional, verificamos uma melhor redistribuição inter-salarial, na medida em que se reduz a diferença, que ainda é muito grande. No entanto, é preciso reconhecer que a desigualdade está diminuindo no que diz respeito ao rendimento do trabalho. Isso é muito positivo, considerando a realidade brasileira. É bem verdade que melhorou a renda do trabalho por conta do aumento do salário mínimo, das ofertas de emprego e pelas próprias políticas públicas, mas, por outro lado, também se percebem ganhos significativos de parte da renda da propriedade. Os faturamentos e lucros das empresas têm aumentado no Brasil. De maneira geral, portanto, não temos uma indicação que nos permita dizer que há uma redução na desigualdade do ponto de vista da distribuição funcional da renda, mas, sim, no que diz respeito à distribuição da renda pessoal do trabalho.

**IHU On-Line - Como entender a demonstração da pesquisa do IPEA, que aponta que os ganhos de produtividade do trabalho estão crescentemente acima dos ganhos propriamente salariais? Como obter mais renda pelo trabalho e não pelos programas de transferência de renda?**

**Marcio Pochmann** - De fato, esse é um gargalo histórico desde que o Brasil avançou na sua industrialização: de que maneira melhor repartir os ganhos de produtividade física e também cada vez mais os ganhos de produtividade imaterial, no que diz respeito à participação dos trabalhadores em termos de jornada de trabalho fora do local de trabalho (jornadas feitas para além do local de trabalho, o trabalho em casa e mesmo em outro qualquer lugar, através da utilização dos novos mecanismos de comunicação e informação, como o telefone celular, a internet, que permite trabalhar não apenas no local de trabalho). Essa é uma questão-chave porque, de um lado, no nosso modo de ver, há que avançar na relação capital-trabalho, porque essa é uma parte de redistribuição da produtividade que está relacionada à negociação coletiva de trabalho. Tivemos importantes avanços no Brasil recentemente, no

que diz respeito ao reconhecimento das centrais sindicais, mas, infelizmente, temos uma estrutura sindical em nosso país de forte fragmentação e ainda há uma parcela significativa de trabalhadores não sindicalizados. Isso, de certa maneira, reduz o potencial da negociação coletiva de repartir os ganhos de produtividade. Em segundo lugar, há ainda que avançar muito em termos de uma reforma tributária que permitisse justamente capturar parte dos ganhos de produtividade através de um sistema tributário progressivo, que onerasse justamente os que têm maior parcela nessa economia. O Brasil não tem tributação sobre herança,

**“Isso é ainda algo que o Brasil precisa avançar: ter um planejamento de médio a longo prazo que supere barreiras que hoje ainda obstaculizam uma ampliação mais considerável para o desenvolvimento nacional”**

por exemplo. Mesmo os chamados impostos diretos, que teriam de ser, em tese, muito progressivos, aqui no Brasil não o são. Podemos falar do Imposto de Renda, que ainda pesa muito sob rendimentos menores, atingindo pouco o topo da pirâmide; ou do IPTU, que infelizmente, dada a sua forma de operacionalização pelas prefeituras municipais, faz com que, na média, por exemplo, o morador de favela pague (proporcionalmente a sua renda) mais IPTU do que aquele que mora em uma mansão. Então, a questão da tributação assume relevância muito grande do ponto de vista da justiça e

do papel na questão da redistribuição dos ganhos de produtividade, fazendo com que o país pudesse ter menos pobres e menor desigualdade.

**IHU On-Line - Quais as principais consequências para a economia do país dessa camada da população em ascensão?**

**Marcio Pochmann** - Como temos uma pirâmide distributiva com sua base muito alargada, toda vez que terminamos ampliando a produção, a economia e gerando mais empregos, temos a possibilidade de incorporar no mercado de consumo um número bastante significativo de pessoas. Então, temos um impacto inegável disso na dinâmica do mercado interno. E é isso que talvez hoje nos ajude a entender como o Brasil, frente a uma grave crise internacional, consegue não ser afetado de forma tão decisiva. Porque parte significativa da nossa expansão depende do mercado interno e relativamente pouco do mercado externo. No entanto, isso não significa que não seremos afetados pela situação internacional. Aliás, outras medidas que foram tomadas anteriormente, como termos uma reserva em moeda forte considerável, e simultaneamente não estarmos mais endividados em moeda estrangeira, também contribuíram nesse sentido. Então, temos o problema da dívida interna, é claro, mas não estamos endividados em moeda estrangeira, o que nos amplia o grau de liberdade para a condução da política econômica e social.

**IHU On-Line - Como essa camada emergente da população pode crescer e se manter na política econômica e na política de juros do governo Lula?**

**Marcio Pochmann** - Em relação a essa emergência de segmentos sociais mais dinâmicos que conseguimos perceber na pesquisa do IPEA, por ser justamente aqueles que ampliaram seu nível de renda mais rapidamente do que a média do país, analisando de forma precisa, percebemos ainda sinais do passado no seguinte sentido: aqueles dez milhões de indivíduos que saíram do um terço da sociedade com rendimento mais baixo para um segundo terço, onde a renda é intermediária, estão

fortemente concentrados nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país. São justamente as regiões menos dinâmicas ou, por ora, aquelas que possuem menos base industrial, por exemplo. Aí crescem em importância os programas derivados de políticas públicas, que apóiam esses segmentos que, de certa maneira, têm dificuldade de acesso ao mercado de trabalho. Por outro lado, esse segmento que passou para a renda intermediária é um segmento cuja maior expressão é dada pela população negra, parda, indígena. De maneira geral, não são os brancos os beneficiados na base da pirâmide no Brasil atual. No que diz respeito aos quatro milhões que passaram do nível de renda intermediário para o superior, percebemos que os mais beneficiados são aqueles que residem no Sul e no Sudeste brasileiro, que são, de maneira geral, os mais escolarizados e brancos. Há movimentos, do ponto de vista da estrutura social brasileira, que indicam a carência que temos hoje ainda de políticas públicas em termos de educação, de preparação da base produtiva para um maior alargamento da atividade econômica, especialmente fora das regiões Sul e Sudeste, e isso está diretamente relacionado à capacidade de apoiar em termos de política econômica e social uma melhor infra-estrutura para o país. Isso tudo depende de um ambiente econômico confortável em termos de taxa de juros, não tão atrativas como temos hoje, que terminam desviando parte dos recursos que poderiam ser aplicados no setor produtivo, para o setor financeiro. Não há dúvidas de que temos hoje no PAC, no plano de desenvolvimento produtivo, e mesmo em outros planos na área da educação, e da ciência e tecnologia, para citar alguns, um certo conforto na medida em que olham o horizonte mais longo que o curto prazo dos juros. Precisamos ter uma visão ainda mais ampliada de dez, vinte anos, como, por exemplo, tem os países asiáticos, que são aqueles que até o momento conseguem ter melhores resultados do ponto de vista da sua inserção na economia global. Isso é ainda algo que o Brasil precisa avançar: ter um planejamento de médio a longo prazo que supere

barreiras que hoje ainda obstaculizam uma ampliação mais considerável para o desenvolvimento nacional.

**IHU On-Line - Como o senhor vê a crise financeira internacional? Acredita que a crise em efeito dominó pode provocar mudanças no capitalismo?**

**Marcio Pochmann** - Não sabemos o desfecho ainda, nem muito bem a natureza dessa crise que hoje estamos vivendo, pois ela está tendo um certo efeito dominó. Ela começa no mercado imobiliário, vai para o mercado acionário, está no mercado de crédito. Não sabemos se ela se estabiliza por aí ou se ainda ganhará maior dimensão. De todo modo, o que sabemos é que ela decorre de algo que vem de mais tempo, que é a profunda instabilidade do atual sistema monetário internacional. Precisamos recordar que desde o imediato segundo pós-guerra, com a instalação das instituições de Bretton Woods, Banco Mundial, FMI e o próprio sistema ONU, tivemos por quase três décadas uma estabilidade monetária internacional que deu condições para a expansão do mundo de forma significativa. No entanto, a crise no sistema financeiro de Bretton Woods, em 1973, quando o dólar deixou de ter a convertibilidade em ouro e as taxas de juros deixaram de ser fixas, entramos em outro ambiente monetário internacional de forte instabilidade. Se compararmos o período de 1973 a 2008, teremos uma regularidade em média de a cada dois anos uma crise significativa, ora em países desenvolvidos, ora em países não desenvolvidos. A manifestação dessas crises é uma característica de uma situação mais ampla que diz respeito ao sistema monetário internacional. A impressão que tenho é que o resultado da crise norte-americana aprofundará ainda mais o grau de decadência daquele país em termos de capacidade de exercício da hegemonia mundial. De um lado, possivelmente estamos transitando de um país cuja moeda é de uso recorrente em termos internacionais para uma realidade em que haverá mais moedas em circulação no mundo, num ambiente de pluralidade monetária. Um outro aspecto a ser ressaltado diz respeito à maior rapidez na transição do centro dinâmico

do mundo dos Estados Unidos para a Ásia. Certamente, o que está se verificando nos Estados Unidos não terá uma resolução simples. É possível que tenhamos um impacto de médio prazo na economia americana, que terá dificuldades de reagir, afetando seu sistema produtivo e com isso possivelmente a Ásia terminará ganhando mais alguns pontos do ponto de vista do seu papel de importância no mundo.

**IHU On-Line - Como entender que essas instituições hoje falidas são aquelas que comandam o mercado financeiro internacional, a bolsa de valores, a taxa de câmbio etc.?**

**Marcio Pochmann** - Várias avaliações já mostram que a instabilidade e a própria crise resultam da colheita de sementes que foram plantadas há mais tempo. Não há dúvidas de que a crise nos Estados Unidos está diretamente relacionada ao movimento de desregulamentação do sistema bancário americano. A baixa capacidade de acompanhamento de uma série de decisões que foram sendo tomadas é que levaram à inadimplência dos tomadores de crédito. E o movimento especulativo praticamente anestesiou a intervenção necessária. O governo norte-americano e o próprio Banco Central tomaram decisões importantes diante da crise manifestada, e se perdeu justamente a capacidade de regulação. Agora possivelmente estamos vivendo num movimento do pêndulo, o pêndulo da regulação, que teve importância por quase três décadas durante o período Pós-Guerra. Estamos colhendo o resultado da própria desregulamentação. Criou-se uma falsa imagem de que mais Estado seria menos mercado. Então, houve a opção de redução do papel do Estado na regulação na expectativa de que o mercado ganharia importância e ele por si próprio seria auto-regulável. Hoje, percebemos que é uma falsa questão, ou seja, o Estado é extremamente necessário, em função do objetivo de garantir maior regulação e maior condição saudável de existência da economia. Então, acredito que estamos agora diante de um novo movimento do pêndulo cada vez mais para a ampliação da regulação sobre a economia capitalista.

## IHU On-Line - Qual sua opinião sobre o uso do FGTS para a compra de ações de Petrobras?

**Marcio Pochmann** - Não há dúvidas de que a Petrobras é uma empresa consolidada e que tem oferecido aos acionistas, ao longo do tempo, benefícios em termos de rentabilidade superior a aplicações em outros mercados de renda variável. No que diz respeito ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, é preciso ser lembrado que ele, ao ser constituído, na segunda metade dos anos 1960, tinha por objetivo permitir uma maior facilidade na demissão e contratação de trabalhadores, e, de outro lado, constituir um fundo, uma “poupança forçada” para contribuir no financiamento de toda a parte relativa a saneamento e habitação. Com base nesses recursos, nessa “poupança”, o Brasil avançou relativamente bem no que diz respeito a saneamento e habitação. Sabemos que estamos longe do ideal, especialmente na parcela mais pobre da população que não tem acesso suficientemente ao crédito habitacional. Por conta disso, eu penso que a possibilidade de transitar os recursos do FGTS para o mercado acionário, mesmo para uma empresa consolidada e tão importante como a Petrobras, dará maior instabilidade no que diz respeito ao financiamento desse segmento habitacional e de saneamento. Como temos enormes carências nessa área, não imagino ser adequada uma decisão dessa natureza.

### LEIA MAIS...

>> Confira na nossa página eletrônica entrevistas concedidas por Marcio Pochmann à IHU On-Line, e alguns de seus artigos, reproduzidos. Acesse [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

#### Entrevistas:

\* *A crise da sociedade do trabalho*. IHU On-Line nº 98, de 26-04-2004;

\* *Reforma sindical e trabalhista em debate*. IHU On-Line nº 138, de 25-04-2005;

\* *Há uma transformação no mundo do trabalho, que veio para ficar*. IHU On-Line nº 216, de 23-04-2007;

\* *Estamos passando por uma desindustrialização relativa*. IHU On-Line nº 218, de 07-05-2007.

\* *Trabalho imaterial e redução da jornada de trabalho*. IHU On-Line nº 256, de 29-04-2008.

# Livro da Semana

## “Democracia com racismo é impossível”

Linguísta Teun A. van Dijk acentua que há inúmeras semelhanças entre racismos praticados na América Latina e Estados Unidos, e que a versão benevolente e cordial brasileira é uma das formas de mitigar o problema

POR GREYCE VARGAS E MÁRCIA JUNGES

**P**ara o linguísta holandês Teun A. van Dijk, precisamos encarar o racismo sem silêncio, mitigação e eufemismos. Esse é um problema de todos nós. Em sua opinião, é impossível falar em democracia enquanto existir racismo. “Para uma sociedade multicultural e multiétnica, a luta contra o racismo é uma condição crucial. É preciso escrever no jornal tanto sobre racismo como sobre terrorismo ou criminalidade. Racismo é terrorismo e criminalidade”, afirmou nesta entrevista, exclusiva, por e-mail à IHU On-Line. As questões discutidas a seguir foram inspiradas na obra *Racismo e discurso na América Latina* (São Paulo: Contexto, 2008), organizada por Van Dijk.

Van Dijk é professor da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona, Espanha desde 1999. Licenciado na Universidade Livre de Amsterdã e na Universidade de Amsterdã, ambas na Holanda, é doutor por esta última. Foi editor-fundador das revistas *Poetic*, *TEXT*, *Discourse & Society* e *Discourse Studies*, sendo que ainda é editor destas duas últimas. É o idealizador do site [www.racismos.org](http://www.racismos.org) e co-fundador e secretário geral da *International Association for the Study of Racism* (IASR). É autor de, entre outros, *Communicating Racism. Ethnic Prejudice in Thought and Talk* (Newbury Park, CA: Sage, 1987), *Racism and the Press* (London: Routledge, 1991) e *Discourse and racism in Spain and Latin America* (Amsterdam: Benjamins, 2005).

### IHU On-Line - Quais são as maiores diferenças entre o racismo praticado na América Latina e nos EUA?

**Teun A. van Dijk** - Provavelmente, as semelhanças entre o racismo da América Latina e o racismo dos Estados Unidos são maiores do que as diferenças. Ambos os racismos são praticados por europeus e seus descendentes; ambos têm suas raízes na exploração e opressão dos escravos africanos e consistem na marginalização e na dominação dos indígenas americanos. Na vida cotidiana, o ra-

cismo se baseia em uma ideologia racista, que assume a superioridade dos brancos e se manifesta em mil formas mais ou menos sutis de “racismo cotidiano”. Ou seja, se manifesta nas formas de discriminação, na marginalização e na problematização em todas as áreas da vida social, política e cultural. As (poucas) diferenças entre as duas formas de racismo também têm suas raízes históricas, como é o caso dos racismos na América Latina, como, por exemplo, o racismo contra os indígenas

## “O racismo é um sistema social muito complexo de contaminação étnica, baseada em ideologias racistas, e se manifesta em múltiplas práticas de discriminação diária, incluindo o discurso”

no México, na Guatemala e nos países andinos, e o racismo contra os afrodescendentes no Brasil.

Uma diferença entre os racismos nos Estados Unidos e América Latina tem como base a categorização absoluta entre negros e brancos nos Estados Unidos (“the one drop rule”), e uma categorização gradual e hierárquica na América Latina, como sabemos das dúzias de denominações para as diferentes graduações entre branco e negro no Brasil. Outra diferença é a consequência do Movimento de Direitos Civis nos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos, onde a resistência organizada contra o racismo tem contribuído para muitas mudanças na relação entre brancos e negros, as quais na América Latina se apresentaram muito mais tarde e de maneira mais indireta - como, no Brasil, depois da celebração de cem anos da Abolição da Escravatura, em 1988.

**IHU On-Line - Quais são as práticas mais comuns desse racismo “benevolente” comum na América Latina?**

**Teun A. van Dijk** - A benevolência - ou a cordialidade - do racismo na América Latina, em geral, e no Brasil, em particular, é um mito e uma das muitas formas de mitigação do racismo. Pode ser que nos Estados Unidos, pela segregação mais estrita entre os brancos e negros por a mestiçagem ser comum, os contatos diários entre brancos e os não-brancos na América Latina sejam mais comuns, e, portanto, parecem mais “cordiais” na perspectiva dos brancos - porque, nas casas dos brancos de classe média e alta na América Latina, a presença dos empregados e empregadas domésticos (as) afrodescendentes ou indígenas em vários níveis era e é até hoje em dia

um fenômeno muito comum, como se fossem membros da família.

Mas essas formas de convivência diária entre brancos e afrodescendentes (ou indígenas) em nada implicava - nem implica hoje em dia - numa relação de poder, de exploração, e outras formas de dominação. Da mesma maneira que a vida cotidiana dos homens e mulheres na relação (também “cordial”) de casal ou de família. Hoje em dia, em muitos países da América Latina, os afrodescendentes às vezes têm menos direitos de fato e um trato discriminatório mais aberto do que nos Estados Unidos, onde talvez não tenha menos racismo, mas sim mais consciência do racismo entre os africanos americanos.

**IHU On-Line - Existe diferença entre o racismo destinado aos índios e aos afrodescendentes?**

**Teun A. van Dijk** - Outra vez prefiro enfatizar as semelhanças, e não as diferenças para analisarmos a vida cotidiana dos indígenas e afrodescendentes na América Latina. Trata-se da mesma base ideológica da superioridade dos brancos, das mesmas práticas cotidianas de discriminação, exploração, marginalização e problematização, com as mesmas consequências sociais, econômicas e culturais, que se manifesta, sobretudo, nas diferenças de empregos, salários, moradia, educação, saúde e falta de acesso ao discurso público. As diferenças existem, sobretudo nas situações de diferenças do tamanho dos grupos respectivos: comunidades indígenas muito pequenas no Brasil, Chile e Argentina e muito grandes no México, Guatemala, Bolívia e Peru. As atitudes nacionais sobre essas comunidades dependem muito da situação atual dessas comunidades - quase marginal e folclórico no Brasil, uma minoria rebelde

no Chile e uma maioria, por fim, politicamente (mas não economicamente) em poder na Bolívia, depois de séculos de opressão e marginalização, mas já atacada pelos demais bolivianos (em geral não-indígenas).

**IHU On-Line - Como é a situação do discurso racista no Brasil?**

**Teun A. van Dijk** - É um discurso que tem mudado muito nas últimas décadas. Primeiro desde um discurso de pura hegemonia branca durante a Colônia e a legitimação da escravidão até o discurso sociológico da “democracia racial” em *Casa-grande & senzala*, mitigando o racismo, representando as relações étnicas vista a partir da perspectiva das elites brancas, e o “racismo cordial” da famosa encosta da *Folha de S. Paulo*. Foi somente com os discursos e outras atividades de resistência das comunidades negras, primeiro na área da cultura, mas depois também na política, que o discurso oficial começa a mudar, por exemplo, com o reconhecimento (sempre tímido) da existência do racismo no país, sobretudo a partir da celebração de cem anos de abolição da escravidão em 1988. Começa também a mudar a partir das mudanças legislativas com a Constituição daquele ano, que permitiu que o racismo fosse denunciado e, então, tratado pela justiça e por uma consciência oficial mais explícita sobre a discriminação cotidiana contra as comunidades de afrodescendentes.

No entanto, não é possível confundir essa dimensão, mais oficial e pública, com a situação na vida cotidiana, onde, para a maioria das pessoas afro-brasileiras, a situação apenas tem mudado, por exemplo, o campo da moradia, do trabalho, da educação, da saúde e das múltiplas formas de discriminação cotidiana. Um exemplo característico e interessante é a posição ferrenha de uma elite branca contra as “cotas” universitárias para estudantes afro-brasileiros. Uma vez que se toca nos privilégios dos brancos, evidentemente a motivação de criar uma sociedade igualitária é muito menor, sobretudo entre as elites.

**IHU On-Line - Que caminhos surgem para superar o etnocentrismo que existe por trás do discurso racista?**

“Para acabar com o racismo, é preciso começar a reconhecer que ele existe, que é uma realidade diária de milhões de pessoas”

**Teun A. van Dijk** - O racismo é um sistema social muito complexo de contaminação étnica, baseada em ideologias racistas, e se manifesta em múltiplas práticas de discriminação diária, incluindo o discurso. Mudar esse sistema – como também o sistema sexista de desigualdade de gênero – é um processo longo e difícil, porque tem se desenvolvido durante séculos. Suas manifestações persistem de todos os lados na cultura dominante do mundo inteiro – na história, na literatura, na arte, nos sistemas políticos, nas crenças e atitudes populares e nas ideologias dominantes – e suas manifestações nas práticas da vida cotidiana. Portanto, para uma mudança sistemática na política contra o racismo é preciso trabalhar muitos níveis e a partir de várias perspectivas, às vezes. A história mostra que uma das primeiras estratégias para forçar mudanças é por via normativa, primeiro pelas leis, pela constituição, pelas regras etc. – como foi o caso dos Estados Unidos. É preciso definir o que se considera manifestações de racismo, proibindo e deslegitimando todas com sanções claras.

Pode ser que isso, no entanto, não mude as profundas atitudes e ideologias das pessoas brancas, mas em geral essas tendem a seguir as mudanças forçadas pela lei: o racismo já não é algo normal e legítimo; é considerado um delito e politicamente incorreto. Segundo, é preciso programar essa normativa na gestão e nas práticas de todas as instituições e organizações – *top down* – coordenadas pelos líderes, diretores e pelas elites – na política, nos meios, nas escolas e universidades, pela justiça, pela polícia e pelas

empresas. Por exemplo, nos livros de texto da escola, no livro de estilo da imprensa, nas instruções para a polícia e nos critérios para a avaliação das propostas de investigação da academia.

Terceiro, com essa mudança, é preciso transformar as práticas diárias de todos os participantes na política, nos meios, nas escolas, na polícia etc. – sempre com um controle e com sanções explícitas contra toda forma de racismo e reconhecimento de boas práticas. Isso é o que a comunidade branca precisa fazer. Mas sabemos que, em geral, não fazem sem a pressão, a análise e as ações permanentes das minorias.

**IHU On-Line - O que é preciso fazer para acabar com o racismo?**

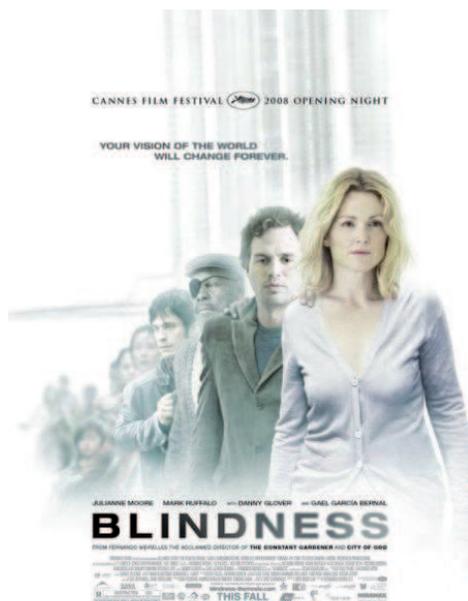
**Teun A. van Dijk** - Para acabar com o racismo, é preciso começar a reconhecer que ele existe, que é uma realidade diária de milhões de pessoas. É preciso investigar, informar e educar – na política, na imprensa, na televisão, na escola, na universidade e em todos os discursos públicos. Isso é imprescindível para que ninguém possa dizer que “não sabia”. É preciso informar sobre a maneira que os afro-brasileiros e indígenas vivem o racismo cotidiano em mil situações e eventos. E, em vez de investigar e informar sobre os “outros” que discriminam, é preciso sempre começar por si mesmo: qual é a posição das minorias com nós em nossa casa, em nossa universidade, em nosso jornal, em nosso parlamento?

É preciso evitar o silêncio, a mitigação, a negação e os eufemismos sobre o racismo, como um problema não nosso, mas deles. Democracia com racismo é impossível. Para uma sociedade multicultural e multiétnica, a luta contra o racismo é uma condição crucial. É preciso escrever no jornal tanto sobre racismo como sobre terrorismo ou criminalidade. Racismo é terrorismo e criminalidade. É preciso fazer investigação, juízos, legislação. Somente quando eliminarmos o racismo, todos os cidadãos poderão participar completamente da vida cotidiana, da política, dos meios, das universidades, das escolas e das empresas. É um processo longo e difícil, mas essa é a alternativa para construirmos uma sociedade democrática.

CONFIRA A VERSÃO ELETRÔNICA DA  
IHU ON-LINE  
WWW.UNISINOS.BR/IHU

# Filme da Semana

O filme comentado nessa edição foi visto por algum/a colega do IHU e está em exibição nos cinemas de Porto Alegre, como o Arteplex, do Shopping Bourbon Country.



Divulgação

## Ensaio sobre a cegueira

### Ficha técnica

**Título original:** Blindness

**Diretor:** Fernando Meirelles

**Roteiro:** Don McKellar, baseado em livro de José Saramago

**Gênero:** Drama

**Tempo de duração:** 120 minutos

**Ano de lançamento:** (Brasil / Canadá / Japão): 2008

**Elenco:** Mark Ruffalo (Médico), Julianne Moore (Esposa do médico),

Yusuke Iseya (Primeiro homem cego), Yoshino Kimura

(Esposa do primeiro homem cego),

Alice Braga (Garota com óculos escuros), Don McKellar (Ladrão),

Danny Glover (Homem com venda preta no olho),

Gael García Bernal (Rei da Ala 3)

**Resumo:** Uma inédita e inexplicável epidemia de cegueira atinge uma cidade. Chamada de “cegueira branca”, já que as pessoas atingidas apenas passam a ver uma superfície leitosa, a doença surge inicialmente em um homem no trânsito e, pouco a pouco, se espalha pelo país. À medida que os afetados são colocados em quarentena e os serviços oferecidos pelo Estado começam a falhar, as pessoas passam a lutar por suas necessidades básicas, expondo seus instintos primários.

## Uma fábula sobre a perda da autonomia

POR ANDRÉ DICK

Autor de obras polêmicas, como *O evangelho segundo Jesus Cristo*, José Saramago tornou-se, em 1998, o primeiro escritor de língua portuguesa a receber um Nobel de Literatura. Em seus livros, é muito comum a utilização de parágrafos extensos, nos quais se confundem falas, ações, pensamentos, motivações interiores, de uma maneira bastante peculiar, sempre estruturando-se sobre valores a serem discutidos. Em *Ensaio sobre a cegueira*, não é diferente. No entanto, o que Saramago procura é a precisão narrativa, a mesma que o cineasta Fernando Meirelles procurou na adaptação desse livro para as telas de cinema. Fiel ao romance, nem por isso Meirelles deixa de inserir um ritmo próprio, e é visível que se trata da obra de um cineasta que tem estilo e sabe fil-

mar, hoje em dia, como poucos. Em se tratando, por exemplo, da fotografia e da agilidade de montagem, *Ensaio sobre a cegueira* não fica nada a dever a seus projetos mais conhecidos, *Cidade de Deus*<sup>1</sup> e *O jardineiro fiel*,<sup>2</sup> que possuem um raro impacto emocional. Certamente mais frio do que esses dois filmes – que possuem narrativas mais propensas a agradar Hollywood e ao grande público –, *Ensaio sobre a cegueira*, no entanto, por meio dessa ausência de maior sen-

timentalismo, configura-se como uma transposição muito adequada da obra de Saramago.

O filme, como o livro, mostra, no início, um homem (Yusuke Iseya) que fica cego quando está em seu carro, em meio a um trânsito caótico, esperando o semáforo dar o sinal verde – como no livro, a situação trabalha com o movimento de uma cidade em que ninguém, na verdade, se enxerga. Este homem acaba sendo levado para casa por um oportunista (Don McKellar, responsável também pelo roteiro), que pretende assaltá-lo. Quando sua mulher chega em casa, ele é levado a um oftalmologista (Mark Ruffalo, que costuma ser um ator sem emoções, mas, por isso mesmo, se encaixa como uma luva nesse papel). Na sala de espera, aguardam um meni-

1 *Cidade de Deus*: filme brasileiro lançado em 2002, com direção de Fernando Meirelles. É uma adaptação do livro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, escrito em 1997. Recebeu quatro indicações ao Oscar. (Nota da *IHU On-Line*)

2 *O jardineiro fiel*: filme brasileiro de suspense, de 2005, dirigido por Fernando Meirelles. A produção foi tema da editoria Filme da Semana do nº 163 da *IHU On-Line*, de 07-11-2005. Confira o material no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da *IHU On-Line*)

no de óculos (Mitchell Nye), um senhor de venda preta (Danny Glover) e uma moça de óculos escuros (Alice Braga). O homem acometido pela “nuvem branca” acaba passando a cegueira para o médico e para seus pacientes. No entanto, a mulher do oftalmologista (Julianne Moore) não fica cega. O caso, para Saramago, para os personagens e para o espectador do filme de Meirelles, não tem lógica científica, e este é o principal incômodo. A ciência não pode explicar a cegueira, e os personagens são recolhidos a um manicômio abandonado e imundo. São vigiados por guardas como se fossem criminosos, entre mortes, loucura, angústia e sobretudo violência. Enquanto isso, o governo tenta isolar os principais focos.

Saramago é universal ao não dar nome a seus personagens – Meirelles comenta que o ator Sean Penn, por exemplo, não quis interpretar o médico por considerar que não conseguiria interpretar alguém sem nome –, classificando-os apenas como figuras: o médico, a mulher do médico, o homem da venda preta etc. E a cegueira é um mote para Saramago e Meirelles mostrarem que não existe sujeito autônomo, ou seja, a perda da visão faz com que todos fiquem dependentes uns dos outros e iguais, independente da classe social. Mais do que isso: essa igualdade não traz nada diferente do que seja a realidade, em que há pessoas boas e outras querendo se aproveitar do desespero para praticarem o que praticariam na vida real. Há, sem dúvida, um posicionamento político por trás da história, mas a história de Saramago não deve ser reduzida a um panfleto. Embora Meirelles consiga captar apenas em alguns momentos a ironia do livro de Saramago – e ela está presente do início ao fim, sobretudo em relação aos governantes desorganizados e ao exército, que se considera responsável pelo controle de qualquer situação –, a verdade é que ele consegue conduzir a história a um plano extremamente realista, mesmo diante de uma situação obviamente surreal, irracional. Claro que, sob certo ponto de vista, há, em certos momentos, um tom de fábula no romance que não caberia no filme. No entanto, Meirelles encaixa, nesse tom de fábula, uma visão verdadeiramente apocalíptica, que não perdoa ninguém

por meio de sua coleção de imagens fortes – e essas são fiéis ao extremo ao realismo de Saramago em muitos momentos marcantes de seu livro.

### Instinto e humanidade

O diretor de fotografia, César Charlone, e o editor, Daniel Rezende, são os mesmos de *Cidade de Deus*. Ambos conseguem captar, mais do que o mundo real, uma sujeira impactante nos cenários enfocados. O manicômio, por exemplo, para onde são enviadas as pessoas que ficam cegas, é um verdadeiro inferno, mostrando a desorganização que a humanidade chega quando é incapaz de se guiar por si própria. Esse ambiente faz jus ao que a personagem da mulher do oftalmologista diz no livro: “Se não formos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos para não viver inteiramente como animais”. Os seres humanos passam a se guiar basicamente pelo instinto. No entanto, a pergunta que é feita por Saramago e Meirelles traduz com competência é a seguinte: será que o ser humano, basicamente, não se governa por instintos, ou seja, que, mesmo podendo enxergar, não continua muitas vezes cego? Por isso, existe no livro de Saramago a perda da autonomia: o ser humano, deparando-se com uma fatalidade inexplicável – ficar cego –, vê que está, como nunca, apegado à materialidade e ao instinto de sobrevivência, de precisar comer e beber água. Esse apego e esse instinto o levam exatamente a perder a autonomia de escolha e enfrentar o que não parece poder evitar, por ser humano: o instinto. Gael García Bernal, na pele de um homem que toma a liderança do manicômio por estar com uma arma, talvez esteja em seu melhor momento no cinema, numa atuação curta, mas de fôlego. Ele é a representação perfeita de que os cegos parecem voltar à Idade da Pedra. E o instinto acaba por despir a todos: os humanos são reduzidos às necessidades fisiológicas e à necessidade de banho.

Um certo maniqueísmo – de se dividir os cegos em grupos de bons e maus – não prejudica, assim como o livro, o filme de Meirelles. Para dar ali-

mentos aos “bons”, os cegos maus exigem favores sexuais das mulheres. As cenas que foram consideradas mais polêmicas no filme de Meirelles se referem a esses detalhes, e algumas foram cortadas da edição final. No entanto, Meirelles mantém o tom agressivo da descrição de Saramago, que fala em “homens com as calças arriadas” que se empurram “uns aos outros como hienas em redor de uma carcaça”, e em mulheres que vomitam umas nas outras. No entanto, perto da agressividade descrita por Saramago, Meirelles é até complacente com o espectador, mantendo apenas o jogo entre luzes e sombras que utiliza ao longo do filme. Neste mundo em trevas e caótico, é essencial a figura da mulher interpretada por Julianne Moore. Ela tem uma atuação extraordinária – o que não é pouco, em se tratando de uma atriz que tem em seu currículo filmes como *As horas*. Sua figura nada fica a dever para a personagem escrita por Saramago; ela acrescenta muito ao papel: o de uma figura capaz de proporcionar segurança a centenas de homens perdidos. No livro, esta personagem tinha uma força especial, como a do Cão das Lágrimas, que lambe as lágrimas dos cegos – mas no filme aparece apenas de relance. Ela representa um resquício de humanidade e de revolta justa, sendo especialmente expressiva a cena em que adentra uma Igreja com suas figuras religiosas vedadas, no altar e nos vitrais, como se também estivessem cegas. Ela, por enxergar, estaria apta a guiar o próximo em tempos de trevas? Saramago renuncia à idéia de que uma figura masculina deve coordenar todos os movimentos e a história como um herói grego imbatível. Mostra como é insuportável carregar, individualmente, o peso da humanidade. Coloca como fio condutor a mulher, que enfrenta a violência por se encontrar numa situação-limite, como outra personagem da filmografia de Meirelles: a Tessa, ativista dos direitos humanos de *O jardineiro fiel*. Ambas querem salvar a dignidade e a autonomia da escolha e, mesmo que a sociedade esteja curvada, mostrar que ainda há uma saída. Em *Ensaio sobre a cegueira*, sobrevive, afinal, quem consegue enxergar o outro sem efetivamente conseguir ver.

# Invenção

Editoria de Poesia

## Alice Ruiz

POR ANDRÉ DICK

A poeta, tradutora e letrista Alice Ruiz nasceu em Curitiba (PR), em 1946. É autora de *Navalhanaliga, Paixão xama paixão* — ambos os livros reunidos em *Pelos pêlos* (São Paulo: Brasiliense, 1984) —, *Nuvem feliz* (Curitiba: Criar Edições, 1986), *Vice versos* (São Paulo: Brasiliense, 1988), *Desorientais* (São Paulo: Iluminuras, 1996), *Poesia pra tocar no rádio* (Rio de Janeiro: Blocos, 1999) e *Yuuka* (Porto Alegre: Editora AMEOPoema, 2004), entre outros. Como tradutora, verteu, por exemplo, para o português haicais do poeta japonês Issa, no livro *Hai-kais* (São Paulo: Olavo Brás, 1988). Para consultar informações sobre a sua obra, um livro referencial é *Alice Ruiz* (Curitiba: Scientia e Labor/ Editora da UFPR, 1988).

Alice trabalha, em sua obra, sobretudo com o haicai, que é o poema de origem japonesa de apenas três versos que procura captar elementos da natureza e sentimentos concisos. O haicai chama a atenção sobretudo por sua simplicidade. Em *Navalhanaliga*, por exemplo, escreve: “sem saudade de você / sem saudade de mim / o passado passou enfim”. Mas Alice também procura uma crítica social nessa linguagem rápida, rarefeita: “nada na barriga / navalha na liga / valha”. No livro *Hai-tropikai* (1985) — feito em parceria com Paulo Leminski (1944-1989), com quem Alice foi casada —, há haicais que sintetizam a ligação com a natureza: “presente de vênus / primeira estrela que vejo / satisfaça meu desejo”. Ainda podemos notar, em sua obra, poemas que remetem à ligação familiar: “enchemos a vida / de filhos / que nos encham a vida / / um me enche

de lembranças / que me encham / de lágrimas / / uma me enche de alegrias / que encham minhas noites / de dias / / outro me enche de esperanças / e receios / enquanto me incham / os seios”. Alice também demonstra um bom humor, em poemas de *Vice versos*: “vara o dia / varrendo a noite / cata um sonho / sonha um vento / algo que fique / por pouco / por muito pouco / um cisco que seja / algo que signifique” e “tem os que passam / e tudo se passa / com passos já passados / / tem os que partem / da pedra ao vidro / deixam tudo partido / / e tem, ainda / bem, os que deixam / a vaga impressão / de ter ficado”.

### Haicais e letras de música

Em um de seus livros mais conhecidos, *Desorientais*, Alice trabalha quase exclusivamente com o haicai. Alguns exemplos: “entre uma estrela / e um vagalume / o sol se põe”; “gosto de inverno / o cheiro das glicínias / lembra agosto”; “céu e mar cinza / barcos ancoram / todas as cores”; “varal vazio / um só fio / lua ao meio”; e “manhã de sol / na lembrança / o som da chuva”. Em *Yuuka*, novamente mostra vários haicais interessantes: “barco passando / o bambuzal do Guaíba / fica acenando”; “olhar para o mar / não é o mesmo que velejar / mas dá pra viajar”; “fora de mim / imagino na paisagem / a imagem do que fui”; e “cigarras em algazarra / estalo nas folhas secas / o silêncio se instala”.

Além de poeta, Alice, como mencionado, é letrista de música, e, com Alzira Espíndola, lançou o CD *Paralelas*, em

2005. Além disso, compôs a música “So-corro”, cantada por Arnaldo Antunes, Gal Costa e Cássia Eller; “Tudo ou nada” e “Vou tirar você do meu dicionário”, parcerias com Itamar Assumpção cantadas por Zélia Duncan; “Se tudo pode acontecer”, cantada por Arnaldo Antunes e Adriana Calcanhotto; e “Quase nada”, gravada por Zeca Baleiro, com os versos: “de você sei quase nada / pra onde vai ou porque veio / nem mesmo sei / qual é a parte da tua estrada / no meu caminho / / será um atalho / ou um desvio / um rio raso / um passo em falso / um prato fundo / pra toda fome que há no mundo”. Na canção “leve”, gravada por Ney Matogrosso, ela traz uma influência oriental à composição: “leve a semente vai / onde o vento leva / gente pesa / por mais que invente / só vai onde pisa / / viver ou morrer / é o de menos / a vida inteira / pode ser / qualquer momento / ser feliz ou não / questão de talento”.

Situada entre o equilíbrio zen do haicai e seu trabalho como letrista, Alice emprega também uma ligação com os universos da mitologia grega e da mitologia africana, em versos como “lendas gregas / lendas negras / / cheias de ditos / malditos / benditos / / todos medito / todas me ditam / destinos” ou em “Meu templo”: “museu de todas as musas / todas fora de uso / / na cela de Apolonio de Thyana / cai a poeira sobre o verso / / nos jardins / passeiam vultos / frases em francês / sonhos em latim”. Nessa linha, segue o poema inédito, sem título, que Alice enviou à *IHU On-Line*, com referência à Atena, deusa grega da sabedoria, do ofício, da inteligência e da guerra.

Deusa Atena,  
por favor,  
atrasa a Aurora.  
Deixe que dure  
um pouco mais  
a trégua,  
esse outro nome do amor,  
antes da guerra.

Adia a lembrança  
de que existe o efêmero  
mera armadilha  
de um dia após o outro.  
Faça que a noite,  
esse simulacro do eterno,  
se estenda um pouco mais.

Não deixe que traga ainda o sol  
com sua luz que tudo acende,  
e a todos cega  
nos fazendo esquecer da morte  
essa outra vida  
no reino do não ser.

Espera, Aurora,  
aprende a Paciência  
para quando o momento  
do fim da existência,  
for agora.

Mas até lá, Atena  
deixe que venha,  
sem demora,  
a Aurora.

## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 22-09-2008 a 28-09-2008.**

**O sindicalismo está superando a crise**

**Entrevista com Marco Santana**

**Confira nas Notícias do Dia 22-09-2008**

Tendo em vista as importantes transformações pelas quais o sindicalismo passou nos últimos anos, esse é o momento para refletir sobre o seu desenvolvimento daqui para frente. Para o professor Marco Santana, a crise pelo qual o sindicalismo passou está sendo superada.

**Direito dos animais. A Lei Arouca em discussão**

**Entrevista com Róber Bachinski e Martin Sander**

**Confira nas Notícias do Dia 23-09-2008**

O estudante e o professor de Biologia refletem nesta entrevista sobre o direito dos animais e o uso que se faz deles nas universidades e centros de pesquisa, discutindo a Lei Arouca. “Não faz sentido causar dor a qualquer ser vivo, seja ele humano ou não”, afirmam.

**Eleições 2008: Desencanto e passividade dos eleitores**

**Entrevistas com Sérgio Trein e Osvaldo Biz**

**Confira nas Notícias do Dia 24-09-2008**

Os dois professores analisam o desencanto com as próximas eleições e refletem acerca do desenvolvimento político brasileiro que nos levou a esse cenário.

**A morte cerebral e a doação de órgãos**

**Entrevista com Léo Pessini**

**Confira nas Notícias do Dia 25-09-2008**

Nesta conversa, o teólogo faz uma severa crítica ao artigo

publicado pelo jornal *L'Osservatore Romano*, que coloca em debate o conceito de morte cerebral. Para ele, a articulista podia estar bem intencionada em relação ao seu texto, mas ainda assim prestou um desserviço à ciência médica e à humanidade.

**A dura luta dos Guarani no Mato Grosso do Sul pela demarcação da terra**

**Entrevista com Antonio Brand**

**Confira nas Notícias do Dia 26-09-2008**

“Há dois meses, existe uma das mais virulentas campanhas contra os povos indígenas”, afirma o professor Antonio Brand que, nesta entrevista, analisa a reunião do presidente da Funai com o governo do Mato Grosso do Sul e a campanha que está sendo criada no estado contra as reivindicações dos Guarani.

**“Escola de liberdade”. A espiritualidade na pós-modernidade**

**Entrevista com Luís González-Quevedo**

**Confira nas Notícias do Dia 28-09-2008**

Para Quevedo, a liberdade interior é essencial para a espiritualidade. Ele descreve, nesta entrevista, as principais características desta na pós-modernidade, à luz dos *Exercícios espirituais*, de Inácio de Loyola.

### Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), em 24-09-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

# Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.  
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).

## Dia 30-09-2008

### *Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa*

8h30min às 9h - Apresentação de contos de Guimarães Rosa - Prof. Dr. José Baldissera – Unisinos

Local: Anfiteatro Pe. Werner

12h10min às 13h45min - Exibição do vídeo *O Rio de Janeiro de Machado de Assis*

Local: Sala 1G119 – IHU

14h às 18h30min: Minicursos e Simpósios

1) Rosa e as relações no sistema literário

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos – Unisinos

Local: Sala 1F100

2) Machado e a História: Interfaces

Profa. Dra. Luciana Coronel – Centro Universitário Metodista IPA

Local: Sala 1F101

3) Filosofia nas veredas da literatura roseana

Prof. Dr. Luiz Rohden – Unisinos

Local: Sala 1F103

18h45min às 19h30min: – Apresentação de contos de Guimarães Rosa –

Prof. Dr. Baldissera – Unisinos

Local: Livraria Cultural

## Dia 01-10-2008

### *Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa*

8h30min às 9h - Apresentação de contos de Machado de Assis – Ator e Diretor Elison Couto

Local: Anfiteatro Pe. Werner

12h10min às 13h45min - Exibição do filme *Quanto vale ou é por quilo?*, de Sérgio Bianchi (2005)

Gênero do filme: drama

Duração: 110 min

Local: Sala 1G119 – IHU

Apresentação de contos de Machado de Assis – Ator e Diretor Elison Couto

Local: Livraria Cultural

14h às 18h30min: Minicursos e Simpósios

1) O “jogo de espelhos” entre Machado e Rosa

Jornalista Daniel Piza

Local: Sala 1F100

2) Sensualidade nas entrelinhas de Machado de Assis: um estudo através da Teoria da Relevância

Prof. MS Flávio Vargas – Unisinos

Local: Sala 1F101

3) Machado e Borges

Prof. Dr. Luís Augusto Fischer – UFRGS

Local: Sala 1F103

18h45min às 19h30min – Apresentação de contos de Machado de Assis – Ator e Diretor

Elison Couto

Local: Livraria Cultural

**Dia 02-10-2008***Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa*

8h30min às 9h – Apresentação de contos de Guimarães Rosa – Prof. Dr. José Baldissera – Unisinos

Local: Anfiteatro Pe. Werner

12h10min às 13h45min - Exibição do filme *Outras estórias*, de Pedro Bial (1999)

Local: Sala 1G119 - IHU

Apresentação de contos de Guimarães Rosa – Prof. Dr. José Baldissera – Unisinos

Local: Livraria Cultural

14h às 18h30min: Minicursos e Simpósios

1) Guimarães Rosa e a Literatura Infantil

Martha Silva e Simone Assumpção – Unisinos

Local: Sala 1F100

2) Machado de Assis e o Cinema

Jornalista César Zamberlan

Local: Sala 1F101

3) Os processos derivacionais em Tutaméia

Profa. MS. Adila Moura – Unisinos

Local: Sala 1F103

4) Mitos em Guimarães Rosa

Lucia Sa Rebello – UFRGS

Local: Sala 1F104

18h45min às 19h30min – Apresentação de contos de Guimarães

Rosa – Prof. Dr. José Baldissera

Local: Livraria Cultural

**Dia 03-10-2008***Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa*

8h30min às 9h – Apresentação de contos de Machado de Assis – Ator e Diretor Elison Couto

Local: Anfiteatro Pe. Werner.

**PARTICIPE DOS NOVOS EVENTOS  
DO IHU  
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM  
WWW.UNISINOS.BR/IHU**

## Nos caminhos de Medellín: da opção pelos pobres à participação dos fiéis na Igreja de hoje

Ana Maria Tepedino destaca que os fiéis não se sentem membros, parecem mais fregueses, não se comprometem e participam quando precisam

POR BRUNA QUADROS

A opção pelos pobres, a participação dos leigos e a participação da Igreja na sociedade em benefício dos mais desfavorecidos. Estes são, na opinião da Profa. Dra. Ana Maria de Azeredo Lopes Tepedino, os marcos mais importantes da trajetória da Igreja Latino-Americana, desde a Conferência Episcopal de Medellín, realizada há quatro décadas. Ao perceber que os fiéis estão menos participativos na Igreja, ela destaca que esta falta de pertença provoca um grande trânsito entre as igrejas, embora ainda existam cristãos comprometidos com a transformação da sociedade e com a participação na Igreja de maneira comprometida com a opção pelos pobres. Durante a entrevista concedida por e-mail à revista **IHU On-Line**, ela ressaltou, ainda, que vivemos, em termos mundiais, um tempo diferente, muito mais conservador o que influenciou na participação efetiva dos fiéis na vida da Igreja e da sociedade.

Ana Maria de Azeredo Lopes Tepedino, que estará no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no dia 3 de outubro, para participar do evento *De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias e perspectivas da Igreja Latino-Americana*, é graduada em Filosofia pela Universidade Católica de Petrópolis, e em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Possui mestrado e doutorado em Teologia também pela PUC-Rio. Atualmente, é professora associada da mesma instituição.

**IHU On-Line - Considerando os 40 anos de realização da Conferência Episcopal de Medellín, quais são, em sua opinião, os principais marcos ou características da trajetória da Igreja Latino-americana ao longo deste período?**

**Ana Maria Tepedino** - Os marcos mais importantes são a opção pelos pobres, a participação dos leigos, a participação da igreja na sociedade em benefício dos mais desfavorecidos, as Comunidades Eclesiais de Base (Cebs), os ministérios não ordenados, e, de certa forma, a colegialidade dos bispos.

**IHU On-Line - Que rupturas e continuidades podem ser observadas na eclesiologia subjacente às diversas Conferências do Episcopado Latino-americano?**

**Ana Maria Tepedino** - A maior ruptu-

ra é, sem dúvida, a diferença na maneira de se colocar na sociedade, que perdeu muito da sua ênfase profética, embora minoritariamente ela esteja presente, assim como as Cebs, que, embora tenham perdido muito de sua força, continuam vigentes, e, com o impulso de Aparecida, poderão prosseguir sua caminhada. As continuidades estão contidas na resposta anterior.

**IHU On-Line - De que forma, nestas rupturas e continuidades, se reflete a conjuntura eclesial do momento da realização dessas conferências? Como isto se reflete nos documentos produzidos pelas mesmas?**

**Ana Maria Tepedino** - A conjuntura política pós-ditaduras causou um relaxamento no compromisso sociopolítico. Vivemos na América Latina um outro momento, vivemos em termos

mundiais um tempo diferente, muito mais conservador, o que influenciou na participação efetiva dos fiéis na vida da Igreja e da sociedade. Estamos em uma nova época, a pós-modernidade, na qual um outro tipo de conhecimento, partindo da experiência e buscando incluir a sensibilidade na forma de conhecer, assumindo saberes locais e parciais, necessariamente fragmentados, aparece como dificuldade para a mensagem da Igreja. Os fiéis não se sentem membros, parecem mais fregueses, não se comprometem e participam quando precisam. Esta falta de pertença provoca um grande trânsito entre as igrejas, embora ainda existam cristãos comprometidos com a transformação da sociedade e com a participação na igreja de maneira comprometida com a opção pelos pobres.

**IHU On-Line - Em termos de presença e ausência no cenário brasileiro e latino-americano, como a senhora vê hoje a atuação da Igreja Católica?**

**Ana Maria Tepedino** - A Igreja de Medellín, a grande tradição latino-americana, diminuiu, porém está viva e continua a trabalhar. No entanto, a mídia não se interessa por ela, daí sua invisibilidade. O que aparece na mídia são os padres cantores, movimentos como a Renovação Carismática, uma outra maneira de viver a fé, que também tem valor, embora o enfoque seja mais individualista e subjetivista.

**IHU On-Line - Tomando como referência sua longa experiência de atuação junto às mulheres nas comunidades eclesiais e sua atuação como teóloga, como a senhora avalia a situação atual das mulheres na Igreja, na sociedade e na teologia?**

**Ana Maria Tepedino** - Com relação aos anos 1980, vejo que as comunidades eclesiais continuam sendo sustentadas pelas mulheres. No entanto, as novas gerações não estão tão presentes. Com relação à Teologia, percebo uma nova leva, depois de alguns anos sem interesse pela reflexão teológica feminista. Na sociedade, as mulheres vão assumindo cada vez mais um protagonismo que faz com que o século XXI comece a ser considerado o século das mulheres, embora o filósofo francês Gilles Lipovetsky<sup>1</sup> tenha falado que estamos na “terceira mulher”,<sup>2</sup> aquela que pela primeira vez na história tomou sua vida nas mãos e pode ser artífice e protagonista.

**IHU On-Line - Recentemente, a senhora esteve no México, colaborando na implantação de uma Cátedra de Teologia Feminista em uma universidade. Qual a importância de uma cadeira de Teologia Feminista num curso de teologia?**

**Ana Maria Tepedino** - Uma Cátedra

1 Gilles Lipovetsky: filósofo francês. É autor de, entre outros, *Os tempos hipermodernos*. (Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004). Confira uma entrevista concedida por Lipovetsky à IHU On-Line, publicada nas *Notícias do Dia* de 07-06-2007. (Nota da IHU On-Line)

2 Confira o livro de Gilles Lipovetsky intitulado *A terceira mulher: permanência e revolução do feminismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000) (Nota da IHU On-Line)

**“A teologia feminista vai valorizar a experiência das mulheres, refleti-la de maneira relacional, que é outra forma de racionalidade, possibilitando que se sintam não mais apenas ‘tarefeiras’ dentro da igreja, mas participantes adultas na fé, assumindo cada vez mais o protagonismo que lhes cabe na comunidade eclesial”**

feminista tem dois aspectos: o simbólico, de valorização desta maneira de fazer teologia, que parte da experiência de vida das mulheres, se desenvolve em autonomia e relacionalidade para dizer uma palavra distinta; e o para além do acadêmico, pois uma Cátedra, embora esteja na universidade, tem uma liberdade não possibilitada pela grade curricular, podendo oferecer não apenas cursos, mas múltiplas atividades criativas: palestras com professoras visitantes, *workshops* com diversos grupos, debates, enfim, é uma novidade na estrutura das universidades. Não é apenas uma cadeira, que também colabora a formar este tipo de pensamento. A cátedra de Teologia Feminista que tive o prazer de inaugurar no México é muito importante, porque até hoje não havia ainda no México um número significativo de teólogos naquele país, e tenho certeza que será um grande impulso, na criação de pen-

samento e divulgação de trabalhos de teólogas em outros países.

**IHU On-Line - Como as teorias feministas e de gênero contribuem com a teologia feminista? E, num movimento inverso, quais as contribuições da teologia com os estudos feministas e/ou de gênero?**

**Ana Maria Tepedino** - A teologia feminista surgiu na América Latina por volta dos anos 1980. Antes, falávamos em teologia desde as mulheres, até que, finalmente, assumimos o termo feminista, como uma ruptura com o estereótipo feminino, considerado como subjetivo, imaginativo, irracional e como a possibilidade de expressar de outro modo o nosso sentir e falar sobre o mistério. A teologia feminista vai valorizar a experiência das mulheres, refleti-la de maneira relacional, que é outra forma de racionalidade, possibilitando que se sintam não mais apenas “tarefeiras” dentro da Igreja, mas participantes adultas na fé, assumindo cada vez mais o protagonismo que lhes cabe na comunidade eclesial.

**IHU On-Line - Levando em conta sua experiência como professora de teologia na PUC-Rio, que limites e possibilidades a senhora vislumbra para a teologia no mundo acadêmico?**

**Ana Maria Tepedino** - O meio acadêmico já foi mais aberto à participação das mulheres. No entanto, temos que nos preparar com afinco e lutar sempre, não considerando o espaço como algo adquirido.

#### LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas sobre o evento De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias e perspectivas da Igreja Latino-Americana publicadas na IHU On-Line:

\* *A herança de Medellín*. Entrevista com Joseph Comblin. Edição nº 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008;

\* *Nas pegadas de Medellín, as opções de Puebla*. Entrevista com João Batista Libânio. Edição nº 264 da IHU On-Line, de 30-06-2008;

\* *Medellín, Puebla, Aparecida e Santo Domingo: a luta pelos pobres e pela libertação*. Entrevista com Paulo Suess. Edição nº 267 da IHU On-Line, de 04-08-2008;

\* *O massacre de San Patricio. Religiosos palatinos são trucidados*. Entrevista com Mariano Pinasco. Edição nº 271 da IHU On-Line, de 01-09-2008.

## IHU Repórter

## Fabrizio Camerini

POR BRUNA QUADROS E GREYCE VARGAS

**P**rofessor, advogado empresarial e pai de família. Este é Fabrizio Camerini, professor da Unisinos no curso de Direito. Com mestrado em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ele traz uma bagagem que ultrapassa os limites da academia. Aos 34 anos de idade, a responsabilidade e o comprometimento com a carreira e a família são traços fortes de sua personalidade. Ao visitar a redação da revista IHU On-Line, na última semana, para relatar sua trajetória de vida, ele contou que sua relação com a Unisinos não se limita apenas à condição de aluno ou de professor. Foi na universidade que ele conheceu Gabriela Mezzanotti, também professora da instituição, que, hoje, é sua esposa e mãe dos seus dois filhos: Eduardo (foto ao lado) e Fernando Mezzanotti-Camerini.

Acompanhe, a seguir, a história de Fabrizio:

**Origens** - Nasci em Novo Hamburgo, em 14 de setembro de 1974. Tenho um irmão, três anos mais velho do que eu, que hoje mora nos Estados Unidos. Crescemos brincando muito juntos e sempre fomos bem parceiros. Nossos pais foram casados até a nossa adolescência. Separaram-se quando já éramos adultos. A família do meu avô paterno veio da Itália. Do lado da minha mãe, metade é italiana e metade alemã. Meu avô paterno teve 16 filhos. Eu tenho 35 primos por parte de pai. Do lado da minha mãe, a família é menor, só ela e um irmão.

**Infância** - A infância foi muito tranquila, com bastante convívio familiar. Lembro-me de que viajávamos muito, porque meu pai viajava a trabalho e, às vezes, íamos junto. Desde cedo, tive que aprender a falar inglês, o que me ajudou muito para o meu desenvolvimento profissional e carreira acadêmica.

**Estudos** - Estudei em Novo Hamburgo, na Instituição Evangélica, o colégio mais destacado da cidade. Depois do segundo grau, fui para a Inglaterra, onde morei durante seis meses. Antes de retornar, fiz um giro pela Europa. Quan-

do voltei, fiz o vestibular, sem estudar nada, e fui muito bem. Formei-me em 1997 na Unisinos. Em 1998, fiz um pós em Direito Internacional na UFRGS.

**Formação e carreira** - Desde 1997, exerço a advocacia em escritório próprio, no ramo do Direito Empresarial, com empresas de grande porte. Uma advocacia que, no mercado, se considera mais artesanal, com poucos clientes, processos muito grandes e poucos advogados. Sempre conciliei a carreira acadêmica com a advocacia. Em 2000, ano em que me casei com a Gabriela, também professora da Unisinos, ingressei no mestrado da UFRGS, em Direito. Em 2005, terminei o mestrado. Minha dissertação virou livro: *Teoria Geral da Tutela Mandamental*. Recentemente, em função desse contato muito forte que sempre tive com empresas e causas muito grandes, fui convidado por uma multinacional norueguesa, com sede em Porto Alegre, para assumir o setor do contencioso tributário da empresa.

**Visão profissional** - Vida profissional não é tudo, mas não podemos desperdiçar as oportunidades. Vejo minha

FOTOS ARQUIVO PESSOAL



carreira como um sucesso em vários aspectos. Não acho que eu seja uma pessoa de sorte, mas a sorte aparece para quem busca as oportunidades. Hoje em dia, não adianta só ter uma carreira acadêmica. Tem muita gente com doutorado e sem emprego. Além da formação, temos que saber nos relacionar. Sendo uma pessoa de boa conduta pessoal e profissional, além de ser um profissional qualificado na academia e na prática as portas se abrem.

**Mundo jurídico** - O Direito tem excelentes oportunidades, mas, também, muitas dificuldades na carreira. Tem prós e contras em todas as carreiras que a gente possa escolher. Carreiras públicas, por exemplo, são muito interessantes, com cargos muito bons. Às vezes, não importa só uma boa remuneração, porque o dinheiro pode ser bom, mas a pessoa tem de estar feliz com o seu trabalho. Entre as dificuldades, estão a concorrência do concurso, que é muito grande, e o alto número de candidatos por vaga. Por outro lado, a possibilidade de ser promovido também existe. Na advocacia, há mercados excelentes que vão remunerar bem e trazer satisfação,